

5 de Abril 2021
Segunda-feira
Semanário - Ano 5
Nº 253
Director-Geral
Evaristo Mulaza



TERCEIRO TRIMESTRE DE 2020

Petróleo 'salva' balança de pagamentos

RESULTADOS. A conta corrente do país registou um superávit na ordem dos 521 milhões de dólares no terceiro trimestre do exercício transacto. O desempenho supera, largamente, os números do trimestre anterior em que se assinalou um défice de 1.281,7 milhões de dólares. Os dados são do BNA. Pág. 4



PRIMEIRA TRANCHE FOI DE 120 MILHÕES USD

BAD cancela linha de crédito ao BPC a pedido do Governo

FINANCIAMENTO. O Banco Africano de Desenvolvimento justifica a interrupção da linha de 320 milhões de dólares com a vontade do Governo angolano, que alegou dificuldades no desembolso. O BPC tem, entretanto, outra explicação. Segundo o maior banco público, a decisão do cancelamento da linha, após o desbloqueio da primeira tranche de 120 milhões de dólares, é do BAD. E houve motivos: dificuldades no tres-passe dos fundos. Pág. 8



OBRAS PARALISADAS

Mediatecas devem mais de 2 mil milhões kwanzas

Pág. 6

OPINIÃO

A propósito de "The Déficit Myth"

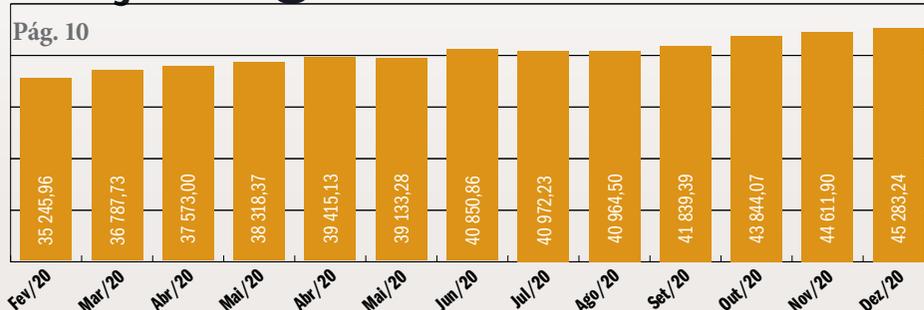


Jonuel Gonçalves,
economista

Pág. 19

NO ÚLTIMO ANO

Preços vigiados aumentam 28%



MIGUEL OLIVEIRA, EMPRESÁRIO

"Não faz sentido exportar peixe"

Págs. 10 e 11

AS LIÇÕES DE MERKEL

“Um erro tem de ser chamado um erro. Mais importante, tem de ser corrigido e, se possível, a tempo.” Esta sentença talhada não é de um líder africano, muito menos de um governante angolano. É de Angela Merkel, a chanceler alemã. A toda poderosa ‘dama de ferro’ dirigiu-se ao seu país para pedir desculpa ao povo, recuando de uma decisão que estabelecia restrições mais apertadas no período pascal, para conter a pandemia.

Merkel cedeu claramente à contestação popular, incluindo de sectores na oposição. É normalíssimo. As lideranças esclarecidas e que governam no interesse do povo são boas a dar exemplos de humildade que chocam o diabo. Nelson Mandela, com a sua filosofia do perdão, é o maior modelo celebrado em África e aplaudido no mundo. José Eduardo dos

Santos teria tido um reconhecimento universal próximo de Mandela, se tivesse largado o poder pouco depois da guerra. Ou se não tivesse ultrapassado a meta de 2008. Não fez nem uma coisa, nem outra. Deixou-se esticar ao ponto de abdicar numa altura em que a corrupção atingira o apogeu e o país experimentava uma crise financeira e cambial amarga. As consequências são as que se conhecem hoje. Pouco mais de três anos após a sua saída, a sua imagem é enlameada nos limites do ódio pelos companheiros que o rodearam na sua jornada do poder. E o Dia da Paz é marcado com um discurso de Estado que não lhe reconhece os méritos de forma plena.

O que se agravou hoje no país, entre todos os cancros que o acompanham há décadas, é também isso: a crise de liderança. Ontem testemunhámos uma liderança que apostou no enriquecimento de uma elite em nome de uma ale-

gada ‘soberania do capital’. Hoje vemos esta liderança empenhada numa suposta destruição criativa, enquanto sofisticava os métodos de delapidação do erário. No passado, vimos uma liderança que se perdeu na ‘legitimidade’ das suas conquistas. No presente, assistimos à outra que patrocina o revisionismo de uma história recentíssima e acredita na celebração da Paz e da unidade, sob o signo da exclusão.

Sendo uma a continuação da outra, não se pode convocar o diabo para fazer a escolha. Mas uma coisa não deixa de ser certa: a crise de liderança nunca foi tão grave na Angola recente. Para o povo, os ensinamentos de Merkel são, entretanto, fresquíssimos. O país precisa de transitar para uma liderança esclarecida, capaz de perceber, sem fingimentos nem agendas inconfessadas, que um erro é um erro. E, mais do que apontá-lo como um erro, que seja verdadeiramente capaz de corrigi-lo. Aí começará o sonho do progresso.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY, Mário Paiva e Pedro Narciso
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



JOÃO FILIPE,
CEO da Cabship

Qual é o objecto da empresa?

Actualmente, com 400 funcionários, a Cabship é uma empresa controlada e gerida a 100% por angolanos e, como membro da Global Logistics Network e da Câmara de Comércio EUA-Angola, os seus serviços estendem-se por 566 escritórios da rede em 310 cidades.

Como entrou no mercado angolano?

A empresa começou há 12 anos com o 'boom' dos mercados emergentes em África, como um agente de estiva e transporte marítimo no Porto Comercial de Cabinda e tornou-se num dos principais fornecedores de soluções logísticas em África, oferecendo soluções 3PL e 4PL e, ao mesmo tempo, tecnologias para aumentar a eficácia da cadeia de abastecimento dos nossos clientes, bem como ajudar a conduzir a sua transformação digital por meio de análises avançadas e melhorias de processo.

Há projectos em carteira?

Vamos inaugurar, ainda este ano, um edifício de três andares no centro da cidade de Cabinda para apoiar as operações e reforçar a actuação da empresa na gestão de materiais de petróleo e gás em que é líder local. Um edifício com uma cave para estacionamento de 21 viaturas e oito apartamentos/residência para os colaboradores não residentes.

30 TERÇA-FEIRA

A Comissão Económica do Conselho de Ministros aprova dois documentos relativos à alimentação, um com o objectivo de minimizar os impactos da estiagem na produção agrícola e pecuária, e outro sobre estabilização dos preços dos bens alimentares.

31 QUARTA-FEIRA

O secretário de Estado do Planeamento, Milton Reis, avança que 14 mil milhões de kwanzas é o montante disponibilizado aos produtores do município da Baía Farta, em Benguela, no âmbito do Prodesi.

01 QUINTA-FEIRA

O líder da Unita afirma que a paz e a reconciliação, que se celebra este mês, deve ser nacional e não se pode limitar ao "Estado do MPLA e à Unita".



02 SEXTA-FEIRA

O Presidente da República considera que Angola "ressuscitou das cinzas para a vida" no dia 04 de Abril de 2002, data em que o país registou o fim da guerra, sendo "obrigação de cada angolano proteger essa vida".



03 SÁBADO

O ministro de Estado e da Coordenação Económica, Manuel Nunes Júnior, anuncia que o Banco de Desenvolvimento Angolano (BDA) vai aumentar, ainda este ano, a cobertura geográfica no país, através da criação de cinco representações regionais.



04 DOMINGO

Manuel Sebastião é eleito, por unanimidade, presidente do Conselho Directivo da Ordem dos Contabilistas e dos Peritos Contabilistas de Angola (OCPCA), para os próximos três anos, substituindo nesse cargo, equivalente a bastonário, Fernando Hermes.



SEGUNDA-FEIRA

O Governo anuncia a realização, oportunamente, de um concurso para empreendedores nacionais e estrangeiros apresentarem manifestações de interesse em investir na "fleira produtiva de valorização de resíduos", em Luanda.

COTAÇÃO



PETRÓLEO CAL...

O petróleo começou a semana a cair mais de 4% com a decisão de aumento gradual da produção dos países da OPEP+. O Brent, referência às exportações angolanas, recuou 4,2%, ao negociar nos 62,15 dólares as entregas de Junho. O WTI, por sua vez, caiu 4,6%, para os 58,65 dólares as entregas do corrente mês.



GIGANTES TECNOLÓGICOS EM ALTA...

As acções da Apple subiram, no início da semana, em 2,90%, após dar sinal do tão cogitado lançamento de um carro autónomo. As da Google subiram 4,19%, depois de provar em tribunal que não cometeu violação de direitos autorais contra a Oracle, ao copiar a linguagem de programação para o sistema operacional Android.

Economia/Política

NO III TRIMESTRE/20

Preço do petróleo salva balança de pagamento

CONTAS. Partição do petróleo na estrutura das exportações aumentou 2,2 pontos percentuais para 92,1%. Aumento do preço compensou redução das exportações e tira conta corrente do défice.

na estrutura de exportação.

Por exemplo, a receita proveniente do gás recuou 0,1 pontos percentuais ao passar de 4,3% para 4,2%, enquanto as diamantíferas recuaram 2 pontos percentuais, passando de 3,9% para 1,9%.

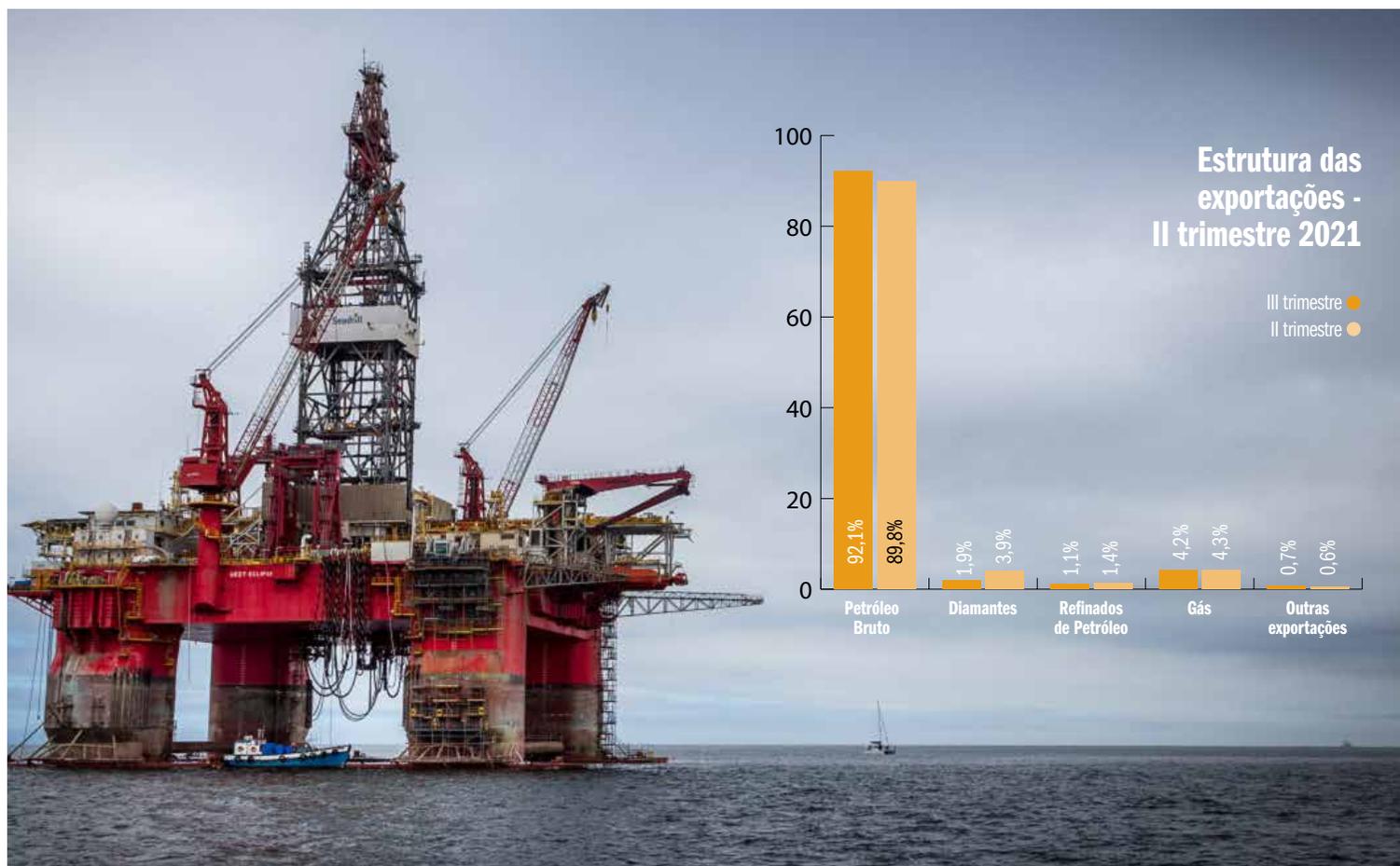
O preço do barril teve ainda a 'virtude' de compensar o impacto negativo que as importações teriam na balança de pagamento, tendo-se registado um aumento de 248,2 milhões de USD ou 11,7% ao passar de 2.113,9 no primeiro trimestre para 2.362,1 milhões no terceiro trimestre.

O BNA refere que o aumento das importações se verificou em vários produtos, sobretudo nas máquinas, aparelhos mecânicos e eléctricos, além dos produtos químicos e os combustíveis, que tiveram um aumento de 104,7 milhões, 48,7 milhões e 47,1 milhões de USD, respectivamente.

O sector petrolífero concorreu também para a redução da importação de serviços que, "à semelhança do observado no período anterior, no terceiro trimestre de 2020, apresentou uma redução do seu saldo deficitário, ao passar de 1.331,2 milhões para 1.213,5 milhões de USD".

Apesar de o BNA sublinhar que a referida redução "continua a reflectir o processo de ajustamento ou redimensionamento dos montantes que o país gasta na contratação de serviços prestados por não residentes", também sublinha que "a melhoria do saldo da conta de serviços no trimestre em referência foi influenciada, essencialmente, pela diminuição das importações de serviços do sector petrolífero, que continua em declínio (baixa produção)".

"Por outro lado, as despesas com serviços de transporte, seguro e viagens tiveram um crescimento de 77,5 milhões, 38,4 milhões e 33,0 milhões de USD, respectivamente, justificado pelo aumento das importações de bens e a reabertura do espaço aéreo nacional, no período em análise." Os números do relatório da balança de pagamentos do BNA mostram assim que o discurso de uma suposta redução das importações e aumento das exportações continua a ser determinado pelo preço do petróleo.



Por César Silveira

ceiro trimestre de 2020, suportado, sobretudo, pelo aumento do preço médio do petróleo que passou de 27,2 para 43,4 dólares por barril.

De acordo com o Banco Nacional de Angola (BNA), o aumento do preço "teve um impacto positivo de 106,3% sobre as receitas de exportação de petróleo bruto, avaliadas em 4.767,3 milhões no terceiro trimestre, contra 3.100,9 milhões do trimestre anterior". Este aumento, por outro lado, compensou a queda do volume das

exportações de petróleo bruto de 113,8 para 109,9 milhões de barris.

Com o aumento do preço do petróleo, a participação da quota da receita petrolífera na estrutura das exportações aumentou 2,3 pontos percentuais, passando de 89,8%, no segundo trimestre, para 92,1% no terceiro.

Com excepção das 'Outras Exportações', cuja quota aumentou 0,1 pontos percentuais (0,6% para 0,7%), todos os outros segmentos da estrutura registaram défice na quota de participação

MEMORIZE

- **Preço do petróleo** teve um impacto positivo de 106,3% sobre as receitas de exportação de petróleo bruto, avaliadas em 4.767,3 milhões no terceiro trimestre, contra 3.100,9 milhões do trimestre anterior.

Depois do défice na ordem de 1.281,7 milhões de USD, registados no segundo trimestre de 2020, a conta corrente do país registou um superavit na ordem de 521,5 milhões de USD no ter-

FALTA DE DINHEIRO CONDICIONA a conclusão das obras de construção do Porto de Águas Profundas do Caio, em Cabinda, de acordo com o ministro dos Transportes, Ricardo de breu. As obras estão a 30% de execução, com a construção do talude que vai permitir erigir os terminais de carga contentorizada e geral.



FEVEREIRO/2020 A FEVEREIRO/2021

Preços vigiados aumentam 28,10% nos últimos 12 meses

INFLAÇÃO. Leite em pó foi o produto que mais contribuiu com um aumento de mais 447 kwanzas. Preços nos supermercados foram os que mais subiram, cerca de 5,5%.

Por Redacção

O índice nacional dos produtos vigiados aumentou 28,10% em Fevereiro, face ao período homólogo, passando de 35.245,96 para 45.283,24 kwanzas, de acordo com o relatório mensal do Ministério das Finanças. Já em relação a Janeiro deste ano, em que o índice se fixou nos 44.611,9 kwanzas, o aumento foi de 1,5%.

O leite em pó foi o produto que mais contribuiu para a subida no custo total produtos vigia-



dos, com um peso ponderado de 0,99%. Em termos absolutos, o preço do leite registou um aumento de 447,10 kwanzas entre Janeiro e Fevereiro, passando de 11.921,27 para 12.368,36. Ou seja, uma variação de 3,75%. Seguem-se, na lista dos que mais contribuíram, o pimento com um peso de 0,77% e a carne de pejadouro com 0,57%. Em termos absolutos, o pimento aumentou 316,81 kwanzas, passando de 621,19 para 938,00 kwanzas, enquanto o preço da carne aumentou 257,78, para os 4.819,30 kwanzas.

SUPERMERCADOS COM OS MAIORES AUMENTOS

O relatório foi elaborado considerando os preços nos mercados grossista e retalhista, sendo que, neste segundo segmento, constam os supermercados e as praças. Os supermercados contribuíram mais para o aumento dos preços dos produtos vigiados, face aos mercados informais.

Desde Dezembro, os produtos nos supermercados aumentaram 5,5%, passando de 50.140,53 para 52.944,97 kwanzas em Fevereiro de 2021. Já de Janeiro a Fevereiro, o

aumento foi de 1,75%, passando de 52.036,39 para 52.944,97 kwanzas.

Neste segmento, o produto que mais contribuiu para a subida no custo total foi o peixe seco, com um peso ponderado de 0,65%. Em termos absolutos, o preço, de Janeiro a Fevereiro, passou de 2.639,44 para 2.983,06 kwanzas, ou seja, uma variação de 13%. Seguiu-se a cebola, com um peso de 0,32%, com o preço a aumentar 29,8% para os 735,36.

Nas praças, o preço aumentou 0,1%, de Dezembro de 2020 a Fevereiro deste ano, ao passar de 37.547,62

para 37.621,52 kwanzas. Entre Janeiro e Fevereiro, o aumento foi de 1,17% para os 37.621,52 kwanzas.

Quanto ao segmento grossista, registou-se um aumento de 2,4% de Dezembro de 2020 a Fevereiro de 2021, com o preço a passar de 363.010,64 para 372.005,34 kwanzas. Entre Janeiro e Fevereiro, o aumento foi 2,98%, para os 372.005,34 kwanzas.

Neste segmento, segundo relatório, “alguns produtos, como é o caso do repolho, a cenoura e a banana, não foram colectados preços pelo facto de o número de agentes oficiais que operam nesta categoria ser muito reduzido e, muitas vezes, de difícil localização”.

Para a categoria “grossista”, foram considerados 18 dos 32 produtos habitualmente comercializados, ao passo que, para os retalhistas, foram considerados os 32 produtos vigiados. “Outrossim, não foi possível realizar a colecta de preços de certos produtos em todas as províncias, pelo facto de os mesmos não terem sido encontrados, nos pontos de recolha, no período em análise”, lê-se no documento elaborado pelo Instituto de Gestão de Activos e Participações do Estado.

Economia/Política

CRISE E PANDEMIA SÃO AS 'DESCULPAS'

Dívida de mais de 2 mil milhões pendura expansão de Mediatecas

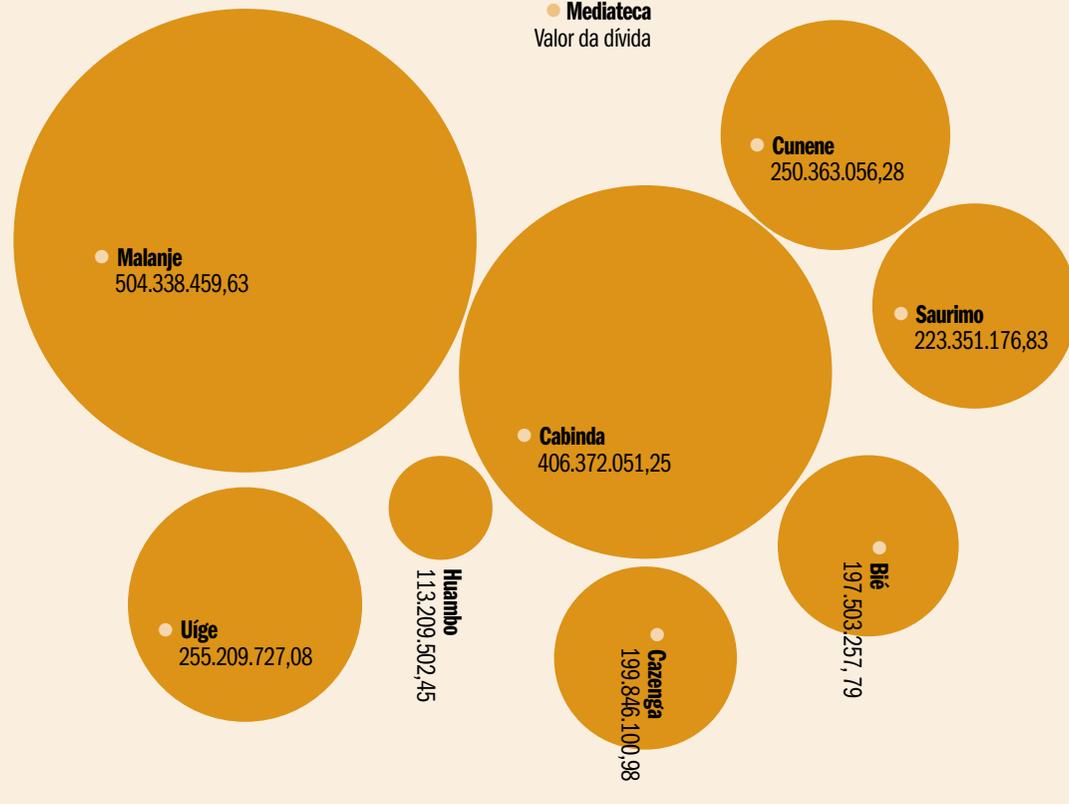
PROJECTOS PÚBLICOS.

Contas feitas pelo VALOR, com base nos OGE, indicam que de 2011 até 2021 foram orçamentados mais de 3,957 mil milhões de kwanzas para as mediatecas.



Dívidas com as empresas contratadas

● Mediateca
Valor da dívida



Por Guilherme Francisco

O Governo deve mais de 2 mil milhões de kwanzas às empresas envolvidas na construção e apetrechamento das mediatecas, situação que já levou, há vários anos, à paralisação das obras em Cabinda e no Uíge, a cargo da Ecadi Angola, apurou o VALOR.

Iniciativa do ex-Presidente da República, José Eduardo dos Santos, o projecto contemplava a construção de 25 mediatecas em todo o país entre 2012 e 2017, mas, ao cabo de três anos após o fim do prazo, apenas nove estão concluídas e em pleno funcionamento. Uma está em fase de conclusão em Malanje, outras duas estão paralisadas há vários anos, enquanto as restantes 13 nunca saíram do papel.

Um relatório da antiga direcção da Rede de Mediatecas de Angola (Rema), a entidade gestora das unidades, justificava, em 2017, os atrasos com a crise financeira e, desde o ano passado, com a pandemia da covid-19.

Na fase de adjudicação do projecto, as empresas de construção Omatapalo e Ecadi Angola foram contratadas num procedimento de concurso limitado sem apresentação de candidatura, processo classificado como

“incorrecto” pelo Tribunal de Contas pelo facto de ter violado o princípio da competitividade e por se ter tratado de um contrato acima dos 500 milhões de kwanzas. Ainda assim, as duas empresas ficaram com os con-

tratos para a construção de seis mediatecas, financiadas com recursos ordinários do tesouro para a execução plurianual, nos orçamentos de 2014 e 2015.

No entanto, das seis, somente três foram concluídas e estão funcionais. Trata-se das mediatecas do Kuito (orçada em 655.071.096,70 kz, construída pela Omatapalo), Ondjiva (orçada em 650.825.066, 50, construída também pela Omatapalo) e do Cazenga (orçada em 684.295.270,00, construída pela Ecadi Angola). Mas o valor total da construção e apetrechamento ainda não foi pago.

Quanto às outras três, todas a cargo da Ecadi Angola, a de Malanje tem a execução das obras em 97%, depois de vários anos paralisadas, estando em falta por agora o apetrechamento, o que pode ocorrer até ainda este ano, incluindo a inauguração, segundo a pasta ministerial responsável. Já a de Cabinda, orçada em 815 milhões, tem a execução das obras há muito paralisadas nos 18%, enquanto a do Uíge, no valor de 844 milhões, está a 42%.

Cálculos feitos pelo VALOR, com base nos orçamentos gerais de entre 2011 e 2021, indicam que, desde a criação em 2010, foram adjudicados cerca de 3,957 mil milhões de Kwanzas à entidade responsável pela gestão dos financiamentos do projecto, designada a partir de 2012 por Unidade Técnica de Gestão de Mediatecas de Angola.

Com quatro fases de execução, o projecto encontra-se desde 2017 ‘preso’ na segunda fase. Enquanto não são concluídas as mediatecas fixas, remedia-se com as móveis em algumas províncias.

FALTA DE DINHEIRO tem condicionado a conclusão das obras de construção do Porto de Águas Profundas do Caio, na província de Cabinda, de acordo com o ministro dos Transportes, Ricardo D'Abreu. De acordo com o governante, as obras estão a 30% de execução, com a construção do talude que vai permitir erigir os terminais de carga contentorizada e geral.

ALERTAS DE ESPECIALISTAS DA EY

Fragilidades nas contas podem atrapalhar PROPRIV

Reduzir o valor dos activos pode ser uma das consequências da fragilidade nas contas.



PRIVATIZAÇÃO. Risco de investidores estrangeiros afastarem-se e redução do preço das empresas a privatizar são alguns dos alertas lançados por especialistas da EY, por causa da fragilidade das contas auditadas. Consultores sugerem a criação de um consultório para as privatizações.

Por Guilherme Francisco

É fundamental que o Estado angolano transmita confiança aos investidores para que o Programa de Privatizações Integral e Parcial de Empresas Públicas (Propriv) se cumpra plenamente, recomendam especialistas da

consultora Ernst & Young Global (EY). António Oliveira e Jorge Moreira referem que o sucesso é desafiador.

“A falta de transparência, sobretudo nas contas de empresas abrangidas pelo programa de privatização, poderá, em certa medida, afastar investidores estrangeiros”, alerta o especialista em estratégia de parceria e transacções e diversificação industrial António Oliveira.

E acrescentou que “uma parte importante das empresas tidas como de ‘referência nacional’ apresenta, efectivamente, contas auditadas. Porém, estas mesmas contas tendem a evidenciar algumas fragilidades e incoerências no relato financeiro que em nada contribuem para a confiança dos investidores privados”, observa. António Oliveira aponta como outro factor a necessidade de preparação adicional de algumas empresas antes de serem colocadas à venda, um processo atrasado por conta da covid-19.

Por sua vez, Jorge Moreira defende que essa fragilidade

“poderá influenciar na redução do valor das empresas e, consequentemente, não se tornar rentável para o Estado”. Também especialista em estratégia e transacções, Jorge Moreira prevê que a falta de confiança dos investidores no relato financeiro das empresas não jogue a favor do êxito das transacções”, explicando que há formas de mitigar esta fragilidade. Por isso, defende ser “imperioso criar um ambiente de negócios amigável”.

“Recuando um ano, atrevo-me a dizer que o programa apresentava condições para ter sucesso. Os investidores, sobretudo os internacionais, mostravam-se particularmente sensíveis ao esforço do Executivo de promoção e de credibilização do país além-fronteiras. Mas a pandemia acabou por colocar grande parte das ‘démarches’ ‘on hold’. É fundamental, portanto, que o país não dê sinais contraditórios para o mercado, que a veia reformista não esmoreça e que o programa de privatizações avance, com atrasos, mas avance, de forma a não contribuir para o descrédito junto dos principais ‘players’”, defende Jorge Moreira da Silva, também ele especialista da EY.

Os dois especialistas sugerem a criação de um observatório para as privatizações, que sistematize todas as operações, ‘timings’ valores e investidores envolvidos. António Oliveira refere que, “numa dimensão mais estratégica, talvez fosse proveitosa uma maior proximidade entre o Igape e as grandes consultoras globais”.

“Além da experiência que podem emprestar em operações análogas em múltiplas geografias, possuem um capital relacional valiosíssimo passível de ser mobilizado em virtude da carteira de clientes ou investidores que detêm em muitas das principais praças mundiais”, sugere.

Fora os rendimentos que poderão ou não ocorrer, os dois peritos da EY salientam que as privatizações representam uma oportunidade única de injectar ‘know-how’, tecnologia, gestão e vocação internacional a muitos negócios e garantir a competitividade, viabilidade económico-financeira, sustentabilidade social e ambiental, a geração de emprego qualificado e a geração de riqueza.

MEMORIZE

- O Propriv foi lançado em Agosto de 2019 e prevê a alienação de 195 empresas até 2022, das quais 32 classificadas como de referência nacional

Mercados & Negócios

A PEDIDO DO GOVERNO

Cancelada linha de financiamento do BAD operada pelo BPC

BANCA. Acordo assinado em 2016 previa o desembolso de 320 milhões de dólares e, em 2018, foi desembolsada a primeira tranche. BPC tem, entretanto, outra explicação para o encerramento da linha.

Por César Silveira

As fases subsequentes de uma linha de financiamento de 320 milhões de dólares do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), dos quais 120 milhões de dólares foram desembolsados em 2018, estão canceladas por dificuldades no desembolso dos valores.

A informação foi avançada ao VALOR pela administração do BAD, esclarecendo que “o restante do valor, 205 milhões, foi cancelado de acordo com as autoridades angolanas em Abril de 2020 por conta da baixa velocidade de desembolso”.

O BPC confirma o cancelamento da linha de financiamento, mas atribui a decisão ao BAD, face aos “vários impasses que condicionaram o repasse da linha”.

“O contrato assinado com o BAD previa que os desembolsos das várias tranches ocorressem no prazo de dois anos. Diante dos vários impasses que condicionaram o repasse da linha e esgotado o período estabelecido, o BAD decidiu não estender o prazo para a disponibilização do montante remanescente”, declara o BPC.

A linha de financiamento foi aprovada em 2016 e, em 2018, foi desembolsada a primeira tranche mas, até ao momento, o BPC não procedeu a qualquer desembolso. E, segundo o banco, muitos factores concorrem para este desempenho “menos eficaz” da linha, entre os quais “os requisitos bastante exigentes que devem integrar os estudos de impacto ambiental e social”, bem como “a incapacidade financeira de os promotores engajarem os 20% de fundos próprios, previstos nas condições da linha”.

Na lista dos obstáculos, consta ainda “a fraca sustentabilidade dos estudos de mercado e dos planos de negócios, associada à inexperiência empresarial dos promotores; e às limitações de contexto, principalmente às relativas às infra-estruturas básicas e produtivas”.

Outro desafio é o risco cambial, visto que a linha de crédito está contratualizada em dólares norte-americanos, quando o seu repasse deve ser efectivado em kwanzas. “Não tendo havido ainda uma solução para mitigar o risco cambial, a taxa de juro definida para o repasse, comparativamente à taxa dos financiamentos ao abrigo do aviso n.º 10 do BNA, torna esta linha pouco competitiva”, destaca o BPC.

COMO RENTABILIZAR OS 120 MILHÕES

Estando na posse do valor correspondente à primeira tranche desde 2018, o BPC tem a obrigatoriedade de

cumprir com “o serviço de dívida” independentemente de conseguir ou não desembolsar. “A maior parte das linhas de crédito internacionais funciona dessa maneira, ou seja, o financiamento é concedido a um banco local e este, por sua vez, concede o crédito aos promotores dos projectos de investimentos. Portanto, o risco de crédito dos projectos fica a cargo do banco local, na qualidade de financiador secundário e não do banco estrangeiro, na qualidade de financiador primário. Dito isto, independentemente de a linha ser ou não repassada, o serviço de dívida terá de ser cumprido pelo BPC”, esclarece a instituição pública. E acrescenta que “o que os bancos fazem, nesses casos, enquanto não repassam as linhas, é utilizarem formas alternativas de rentabilizar esses recursos”.

QUATRO PROJECTOS APROVADOS, MAS...

Segundo a administração do BPC, quatro projectos foram aprovados, mas “ainda não foi possível proceder a qualquer desembolso” por, “apesar da sua viabilidade económica e financeira, conterem insuficiências do ponto de vista da viabilidade ambiental e social, que estão a ser supridas pelos respectivos mutuários”.

O banco garante que “de forma a acelerar o repasse da linha, salvaguardar a qualidade do crédito” contratou uma empresa de consultoria que “está a trabalhar na definição de uma estratégia de aceleração da linha, na definição de um modelo de análise e monitorização dos projectos, na capacitação das equipas do banco, no apoio aos promotores no processo de elaboração dos estudos de viabilidade e na implementação de dispositivos de controlo dos requisitos exigidos pelo BAD”.



**PLANO
BOSS**

O BOSS É QUEM MANDA

O futuro é agora

**PACOTES DE
VOZ, INTERNET
E/OU SMS**

PERSONALIZADOS
POR EMPRESA
E UTILIZADOR

**PARTILHA
DE UTTS
E CHAMADAS
GRÁTIS**

DENTRO DO GRUPO

**500 SMS +
25MB/MÊS
GRÁTIS**

PARA CADA MEMBRO

LINHA DE APOIO
A EMPRESAS

19 300

www.unitel.ao

 **UNITEL**
EMPRESAS



Entrevista



MIGUEL OLIVEIRA, DIRECTOR-GERAL DA MILEOMAR

“O peixe está a sair das nossas fronteiras, quando temos défice no mercado interno”

Sente-se agastado com a importação de pescado, quando “o mar tem muito peixe que pode chegar às nossas mesas”. Por isso, critica as empresas que pescam, transformam e depois comercializam o produto no estrangeiro. Com investimentos nas pescas na ordem dos 5 milhões de dólares, Miguel Oliveira apela ao Governo no sentido de se inverter a situação.

Por Júlio Gomes

Como avalia o desempenho do sector pesqueiro? Como empresário deste sector, deixa-me perplexo o panorama da importação de muito peixe. Acredito que o Executivo está a envidar esforços para se inverter esta situa-

ção. Isso fará parte da política de diversificação da economia.

Considera que não se justifica, no todo, a importação de peixe?

O nosso mar tem muito peixe, mas vou ser muito breve: o grande problema é de quem se faz ao mar para poder capturar esse peixe. Eu sou empresário nacional, e todo o peixe que capturo é destinado a abastecer o mercado interno. Se calhar, posso estar a ferir alguma sensibilidade, mas a triste realidade é que nós temos muitos

empresários nacionais e estrangeiros que apanham o nosso peixe, processam o produto e preferem exportar para os países vizinhos. Infelizmente, o nosso peixe está a sair das nossas fronteiras.

Quando há um défice no fornecimento interno...

Exactamente! Vou usar a linguagem terra-a-terra: se não consigo meter comida em minha casa, vou pôr comida na casa do outro? Não faz sentido vender o peixe no estrangeiro, quando faz

“ Não diria pouco explorado, talvez não haja dados concretos de quantas entidades fazem esse negócio. Pode ser que não se note muito, ou seja, o seu impacto não se faça sentir. ”

falta às nossas mesas. Isso não é admissível.

É uma questão de má-fé?

Reitero que não quero ferir sensibilidades, mas acredito que o Governo está a envidar esforços para combater esse problema. Agora temos uma política que prioriza e defende em 80% o produtor interno honesto.

Voltemos às nossas fronteiras. O peixe a que se refere é o de maior consumo da população...

Todo o carapau e a sardinha que saem das nossas fronteiras saem fora do circuito do controlo do Estado. Do meu ponto de vista, o normal a ser exportado seria o excedente do consumo interno.

É preciso exportar porque o país precisa de divisas e as empresas de equipamentos, não?

Caso se tratasse de produtos fora da sexta básica, como os crustáceos e moluscos, porque temos províncias com muita escassez de consumo de peixe. No âmbito do Prodesi está bem claro: ‘diminuir as importações e aumentar as exportações dos produtos nacionais desde que respeitem os planos de consumo existentes no país’.

Mas importação também é permitida, face à necessidade de se preservarem as espécies... Ou seja, o peixe pode acabar, não havendo uma pesca regrada...

O peixe não acaba no mar. Pode é diminuir a biomassa e os estudos são feitos pelo Instituto Nacional de Investigação Pesqueira para que isso não aconteça.

Se o peixe de maior consumo sai desregadamente, qual tem sido a intervenção das associações?

As associações, como parceiras do Estado, estão para fiscalizar e a ajudar a impor regras do cumprimento da pesca sustentável e responsável. O nosso interlocutor é o Ministério da Agricultura e Pescas. O que precisamos é que, quando há alguma inquietação, haja uma intervenção oportuna. Se assim não acontecer, estaremos a abandalhar o próprio processo de desenvolvimento do país que deve ser uma tarefa urgente.

Está a dizer que as inquietações dos armadores não são ouvidas, certo?

Sentimos agora o Ministério do

nosso lado. Nós, como armadores, sempre vivemos do pescado, sempre tivémos essa vida e nunca acreditamos no conto de fadas.

E como vê o facto de as Pescas voltarem a ser agregadas à Agricultura?

A estrutura base do Ministério das Pescas é a mesma. Simplesmente mudou o ministro, e há um secretário de Estado para o nosso sector. Na qualidade de armadores, que vamos ao mar, passamos a colaborar com o próprio Ministério da Agricultura e Pescas, reportando o que passa no nosso dia-a-dia.

E o que se pesca essencialmente?

Estamos direccionados para capturar o carapau e a sardinha que serve o cidadão comum. Portanto, 90% é pescado para a população. Os outros 10% são de espécies graúdas que são encaminhadas para a classe média e alta e comercializadas nas grandes superfícies comerciais.

Há um entreposto a ser inaugurado nos próximos dias...

Sim, será inaugurado na segunda quinzena de Maio e vai aliar-se ao pensamento do Executivo de combater a fome, o desemprego e a pobreza. Estamos num panorama de crise e por isso vamos dar o pescado a crédito para aquelas pessoas que não têm o fundo mínimo para começar o negócio. É uma inovação. Por exemplo, a peixeira vai receber o peixe a 10 mil kwanzas, vai vender e, no final do dia, procede ao pagamento. Logo, o lucro da peixeira é o excedente dos dez mil kwanzas. A minha ideia é que o produto seja entregue a baixo preço dos custos praticados no mercado.

Todo o carapau e a sardinha que saem das nossas fronteiras saem fora do circuito do controlo do Estado.



Perfil

Um gestor de negócios do mar

Natural do Lobito (Benguela), Miguel Ângelo Barros de Oliveira, 32 anos, é formado em engenharia mecânica e gestão de empresas, pelas universidades Metodista e Lusíadas de Angola. Dirige a Mileomar desde a sua fundação, em 2011, e preside à Cooperativa Mestre Joaquim de Barros. É desde 2020 secretário-geral da Associação de Pesca de Cerco de Luanda (APCL), mas também já foi vice-presidente da Associação de Pesca Artesanal, semi-industrial e Industrial de Luanda (Apsil). Administrador por quatro anos (2015-2019) da Imperial Mar, chegou igualmente a promotor de vendas da Vidapesca durante cinco anos (2010-2015).



Há quem pense que a distribuição do peixe é um segmento ainda pouco explorado. Concorda?

Não diria pouco explorado, talvez não haja dados concretos de quantas entidades fazem esse negócio. Pode ser que não se note muito, ou seja, o seu impacto não se faça sentir. Mas a distribuição de pescado no nosso país é muito antiga. Mesmo no tempo do conflito armado, já havia muitos nesse trabalho. Mas, com o aumento de pessoas nesta actividade, começou também a escassez do produto.

A sua empresa investe praticamente em toda a cadeia do sector. Porquê?

Investimos em toda a cadeia desde a captura à distribuição para vender o produto a baixo preço. Ou seja, com essa estratégia, o peixe chegará ao consumidor final 30% mais acessível. Se vender aos grandes distribuidores, não vamos alcançar a meta. Claro que isso implica empatar muito dinheiro, mas com isso teremos maior rotação no processo de comercialização e retorno de capital. Reitero que o nosso objectivo vai no sentido de aliviar o bolso do consumidor.

Quanto aos investimentos?

Podemos dividi-los em duas partes: primeiro, temos estruturas em terra avaliadas em 2,5 milhões de dólares. Depois temos estruturas flutuantes, que são os barcos de captura nos quais investimos mais de 2 milhões de dólares. Estamos agora com quatro barcos, mas, no próximo ano, pretendo adquirir mais uma embarcação de 40 toneladas. Devo acrescentar que até aqui todo o investimento tem

sido feito com recurso a fundos próprios.

É um bom negócio?

Como todo e qualquer negócio é rentável, desde que haja uma estrutura sólida, uma organização eficaz e profissionais abalizados. Com esses três elementos devidamente ajustados, chega-se longe.

A pandemia não atrapalha?

Seria irónico se dissesse que a covid-19 não influenciou o nosso trabalho. Tal como outras empresas, sejam elas nacionais ou internacionais, sofremos também. Só para citar alguns exemplos, tivemos grande baixa na produção, a começar pelo cumprimento do Decreto Presidencial que ditou a redução em 50% do pessoal que vinha a trabalhar na nossa estrutura. Devido aos dias alternados de venda do pescado, tivemos grandes prejuízos nos dias em que não se podia vender. O nosso produto é destinado, em grande parte, ao mercado informal. Além disso, com a cerca sanitária, tivemos a impossibilidade do escoamento do pescado para algumas províncias vizinhas, aonde uma pequena parte dos nossos produtos tem sido canalizada. Refiro-me ao Bengo e ao Uíge.

Despediram trabalhadores?

Não, pelo contrário, devido à necessidade de corresponder e abastecer o mercado nacional, tivemos de aumentar a força de trabalho em mais de 20%. Ou seja, apesar da covid-19, não baixamos a guarda. Redobramos esforços, fizemo-nos diariamente ao mar, porque temos um objecto muito importante: abastecer o mercado.

Qual é o peso da sua empresa, a Mileomar, no mercado?

No passado, limitámo-nos a capturar e a vender no mercado informal. Logo, quando se trata do mercado informal, não se tem aquele impacto como tendo investimento numa estrutura sólida. Por exemplo, nos últimos três anos, investi na fábrica de processamento da Ilha e agora tenho este empreendimento em Viana que começa a operar já no próximo mês de Maio. Como se pode depreender com isso, a empresa terá um peso ainda maior na distribuição e influenciar positivamente o mercado.

DE JURE



POR ADULTERAR DATA DE VALIDADE DO PRODUTO

Fabricante vai pagar 200 milhões kz de multa

CONTRAVENÇÃO. Autoridade Nacional de Inspeção Económica e Segurança Alimentar declara que a adulteração do prazo de validade de qualquer produto configura “infracção grave”. Foram mais de 1.000 frascos de desodorizante com data falsificada em armazéns afectos à Nuvibrands.

Por Redacção

Mais de 200 milhões de kwanzas é o valor que a Nuvibrands, fabricante do desodorizante ‘Oásis’, deverá pagar de multa. Em causa, está a adulteração de cerca de 1.000 frascos

de desodorizante com data de validade falsificada encontrados no armazém da empresa.

De acordo com o inspector Romão Antas, da Autoridade Nacional de Inspeção Económica e Segurança Alimentar (Aniesa), a Nuvibrands tem seis meses para proceder ao pagamento da multa pela contravenção.

O produto, com a validade adulterada, foi detectado por inspectores do Comércio em

905 caixas no armazém da fábrica Reviva, da Nuvibrands, e destruído na quinta-feira, no Aterro Sanitário dos Mulenvos, em Viana.

O inspector da Aniesa declarou que a adulteração do prazo de validade de qualquer produto configura “infracção grave”, o que levou à aplicação da multa ao “extremo da lei”

Além da obrigação de pagamento de uma multa, a empresa Nuvibrands vai ser alvo de um

processo-crime, a ser instituído pelo Serviço de Investigação Criminal (SIC).

“Os actos praticados ferem a Lei das Actividades Comerciais e a Lei de Defesa do Consumidor”, sublinhou Romão Antas, chamando a atenção que, se houver reincidência, a pena poderá ser dobrada, bem como poderá ver suspensa produção do produto, sem descartar a retirada da licença.

A Aniesa, revelou Romão

Antas, instaurou ainda um segundo processo contra a Nuvibrands, por terem sido encontrados em armazém matéria-prima expirada para a produção de detergentes.

Os desodorizantes com data de validade adulterada e matéria-prima caducada foram detectados em Outubro do ano passado, durante uma acção inspectiva à fábrica Reviva no Kikuxi, em Viana, após uma denúncia da Associação Angolana de Ajuda ao Consumidor (AAAC).

Indagado pela imprensa, no acto de destruição dos frascos de desodorizante um representante da empresa Nuvibrands, recusou-se a tecer quaisquer comentários sobre o assunto.

A denúncia teve lugar depois de ter encontradas à venda unidades da marca em algumas superfícies comerciais e mercados informais de Luanda.

Os desodorizantes destruídos expiraram em 2019 e foram adulterados para que o produto continuasse a ser comercializado até Setembro deste ano.

O presidente da AAAC, Marcelino Bongue, admitiu, em declarações ao JA, a possibilidade de haver, sobretudo no mercado informal, na via pública e em lojas de conveniência, “muitos frascos” com data de validade adulterada à venda em todo o país.

COVID DE OURO PARA ALGUNS

Bilionários facturaram 4 biliões USD durante pandemia

OPORTUNIDADE. 2020, um ano negro para a maioria dos agentes económicos, criou, no entanto, 412 novos bilionários. A riqueza combinada dos mais ricos aumentou 32% para 14.7 biliões de USD, mais dois biliões do que o PIB da segunda maior economia do mundo.

Por Redacção

Com o FMI a estimar que a economia mundial encolheu quase 5% em 2020, o pior declínio desde a grande depressão, com estimativas a apontar para até meio milhão de novos pobres, com o desemprego a chegar próximo dos 10% em muitos países com economias de ponta como os EUA, com indústrias de rastos com a perda de biliões em recitas frustradas como a aviação e a hotelaria, com as restrições de movimento e as quebras de consumo, ainda assim os mais ricos facturaram 4 biliões de USD desde o início da pandemia.

No ano passado 412 novos bilionários juntaram-se à lista que já contava 2876 super ricos segundo a Hurun Global Rich List 2021. A riqueza combinada destes 3288 indivíduos é superior ao produto interno bruto da China (12.2 biliões de USD) e apenas inferior aos dos EUA (cerca de 19 biliões USD).

Três dos bilionários mais ricos do mundo, Elon Musk, o dono da fabricante automóvel Tesla, Jeff Bezos, fundador da Amazon e Colin Zheng Huang, da Pinduoduo adicionaram mais de 50 mil



milhões cada um às suas fortunas pessoais.

Elon Musk, Jeff Bezos, Bernard Arnault da LVMH, Bill Gates, fundador da Microsoft e Mark Zuckerberg contam fortunas acima dos 10 mil milhões de USD cada um.

A China, que foi dos poucos países com crescimento positivo durante 2020, passou à frente dos EUA com 1058 bilionários, mais 259 do que no ano passado e a capital Beijing passou Nova Ior-

Desigualdade mundial

Um relatório da organização sem fins lucrativos OXFAM revelava que a riqueza acumulada pelos bilionários do planeta desde o início da pandemia até dezembro de 2020 chegava a 3.9 biliões de USD, um aumento que seria suficiente para pagar todas as vacinas para o mundo inteiro e impedir que a pobreza aumentasse devido à pandemia. O mesmo relatório concluiu que a recuperação dos entre 200 e 500 milhões de pessoas que caíram para o nível de pobreza pode levar uma década.

Desigualdade EUA

Os bilionários americanos perfazem um terço dos bilionários a nível mundial. Nos EUA em 2020 1% dos americanos mais ricos ganharam 4 biliões de USD durante a pandemia enquanto 50% da camada de base da pirâmide ganhou apenas 2.49 biliões de USD. Este desequilíbrio está a levar a administração de Joe Biden a considerar um imposto especial para os mais ricos que pode chegar a 28% dos lucros. Outro imposto a ser estudado pelo governo americano para aplicar aos mais ricos é direcionado a famílias que registem lucros acima dos 400 mil USD anuais.

que com a maior concentração de bilionários do mundo com 145 versus 112.

A principal fonte de riqueza dos bilionários foi o sector da saúde e do imobiliário, mas 17 dos novos bilionários foram forjados no mundo das cripto moedas de acordo com o mesmo relatório. Muitos bilionários nasceram do dia para a noite com a entrada das empresas em bolsa e a respectiva valorização que produziu oito milionários por semana em 2020.

(In)formalizando

ALERTA PNUD

Vendedores informais carecem de protecção social

Os vendedores de mercados urbanos, a maioria informal, carecem de reconhecimento adequado, protecção social e segurança, alerta o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), num estudo realizado nos últimos quatro meses. Insistindo que os vendedores se encontram “altamente expostos” a riscos, a agência nota que “as condições de trabalho deficitárias e infra-estruturas precárias fazem parte das lutas quotidianas dos mercados, apesar do seu contributo considerável para a economia angolana”. Como solução, a agência na ONU sugere que o Governo crie um fundo, disponível todos os anos, para garantir a melhoria contínua das infra-estruturas nos mercados urbanos. Por outro lado, sugere a

inclusão financeira através da integração de Fintech. “Explorar e apostar nos fluxos financeiros pode ser um primeiro passo importante para melhorar a eficiência diária destes mercados, fazendo uso de modelos alternativos de gestão financeira, como pagamentos digitais mais inovadores e mecanismos de troca”, nota o estudo. A agência recomenda a compreensão dos fluxos de dinheiro actuais, a realização de estudos para recolher dados novos ou actualizados sobre o sistema de fluxos financeiros e pede a introdução de mecanismos digitais para apoiar a gestão financeira dos mercados, “potencialmente introduzir uma moeda complementar para ser usada nos mercados.” O cumprimento deste procedimento, refere o estudo elaborado pelo Laboratório de Aceleração do PNUD em Angola, poderá melhorar a gestão financeira, gerar dados úteis, o aumento da confiança e da transparência nos mercados.



ARRANQUE COM MAIS DE 2 MIL FAMÍLIAS

Redras ajuda a tornar agricultura familiar sustentável

A Rede de Desenvolvimento Rural e Agricultura Sustentável (Redras), afecta à Caritas de Angola, vai auxiliar mais de 2.300 famílias empenhadas na prática da agricultura, como base de subsistência, na Huíla, Malanje, Lunda-Norte e Lunda-Sul.

Segundo o director da organização ligada à igreja Católica, José Quintas, o objectivo é incentivar as comunidades a optarem por práticas mais ambientais, preservarem os solos e racionalizarem a água. “Ensinar como plantar, que fertilizante usar, como colher, manter e reservar as águas das chuvas, fazer ferti-

lizantes orgânicos, com as folhas secas, capim e excrementos de animais”, explica, clarificando ser “muito mais barato” para a produção. “Qualquer pessoa pode aprender sem ir à faculdade”, argumenta.

Às comunidades beneficiárias a Redras levará tecnologia no sentido de facilitar o processamento de produtos do campo e deverá criar mecanismos para o escoamento do excedente, considerado por José Quintas, como sendo “o grito das comunidades”. A iniciativa conta com a parceria do Fundo de Apoio Social (FAS), no âmbito do programa Kwenda, e deve começar a em Malanje, com um total de 581 famílias.

Apesar da destruição das bombas de água instaladas na Huíla

e no Cunene, José Quintas compromete-se novamente a instalar os equipamentos na região sul, de forma a travar o impacto da seca cíclica.

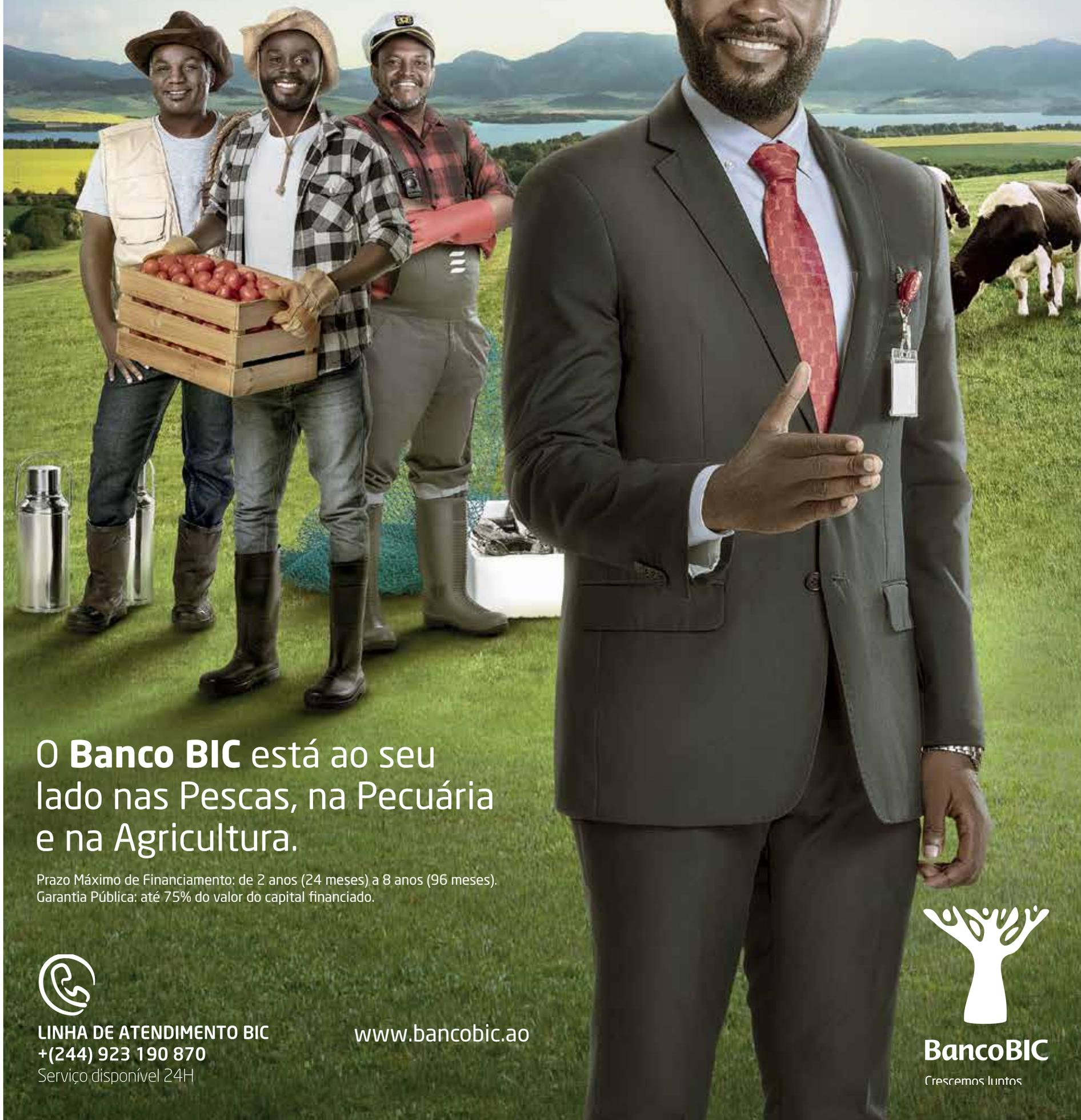
A Redras conta com apoio financeiro da Conferência Episcopal dos Bispos Alemães, que disponibiliza anualmente 500 mil dólares, de acordo com os projectos a implementar por região, podendo chegar a ser contemplado cada um com entre 100 e 300 mil dólares. Actualmente, a organização realiza o projecto de agricultura sustentável e incentivo à pastorícia com a linha de financiamento do ano passado e prepara-se para solicitar uma nova, face aos projectos que pretende concretizar nos próximos tempos.





15
anos

**PRODUZIMOS JUNTOS,
CRESCEMOS JUNTOS.**



**O Banco BIC está ao seu
lado nas Pescas, na Pecuária
e na Agricultura.**

Prazo Máximo de Financiamento: de 2 anos (24 meses) a 8 anos (96 meses).
Garantia Pública: até 75% do valor do capital financiado.



LINHA DE ATENDIMENTO BIC
+(244) 923 190 870
Serviço disponível 24H

www.bancobic.ao



BancoBIC
Crescemos Juntos

Opiniões

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola

A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sonangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interação Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'favoráveis' a Angola. Pág. 14



PETRÓLEO
Potencial do onshore ignorado

Com os custos de produção de petróleo rondarem os 35 dólares por barril, especialistas apontam para a exploração onshore que tem custos de produção mais baixos que promove a criação de micro-economias locais e de emprego. A produção onshore em Angola é marginal, abaixo dos 3%, com tendência a tendência mundial 67% de todo o petróleo no mercado internacional é explorado onshore. Pág. 4-9

EM CAUSA A CRISE DE DIVISAS
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwantza

A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (ABERANS) é, agora, de uma proposta que deve ser submetida ao governo brasileiro no sentido de acertar com as autoridades angolanas, para que o real seja aceite em Angola e o kwantza no Brasil. Pág. 16

CATIVAÇÃO DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE

A entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo mantém-se abaixo do preço fiscal inscrito no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das explicações para a indisponibilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Pág. 10-11

Moedas: AKZ USD 165,9 KZ (+0,31) | EUR 181,02 KZ (+0,27) | LIBRA 229,7 KZ (+0,33) | YUAN 24,7 KZ (+0,11) | RAND 10,5 KZ (+0,07)

Descarregue a App

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
 comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792

Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade, Luanda - Angola



Competências específicas durante e pós-pandemia



Maristela Abreu,
 Senior Consultant
 EY, People
 Advisory Services

Como podemos reter talento através da actualização dos nossos Sistemas de Avaliação de Desempenho?

Não é novidade que esta pandemia veio revolucionar as empresas e a maneira como os nossos colaboradores, seja em trabalho remoto, seja presencial, se têm dedicado para o alcance contínuo dos resultados nas organizações.

Houve uma necessidade de adquirir competências comportamentais (específicas) abruptamente e em tão pouco tempo, que auxiliaram muitas organizações a continuarem a actuar no mercado. Estas competências específicas, na verdade, já eram conhecidas, mas raramente imprescindíveis e pouco avaliadas em comparação a outras competências comportamentais mais tradicionais. Neste sentido,

enquanto vivemos e ultrapassamos tempos extraordinários, os nossos sistemas de Avaliação de Desempenho (AD) devem também acompanhar esta evolução.

Como organizações, devemos actualizar os nossos sistemas de AD, com o propósito de incluir as novas competências exigidas dos nossos colaboradores a nível global. Os colaboradores devem não só serem avaliados com base nos seus objectivos anuais, competências comportamentais e técnicas, bem como os Key Performance Indicators (KPIs) já definidos para as suas funções, mas também com base nesta adaptação célere que a pandemia exigiu de todos nós.

É essencial desenvolvermos estas competências específicas, que são e serão valorizadas durante e após a pandemia. Abaixo menciono apenas quatro(4) competências específicas que considero cruciais, mas não, de todo, as únicas relevantes:

1. Adaptação e resiliência – Hoje em dia, a adaptação a novas realidades é fundamental. Os colaboradores devem adaptar-se a trabalhar tanto no escritório quanto em casa, ou em qualquer lugar que for oportuno, o que implica ter a capacidade de desenvolver diversas habilidades pessoais de resiliência, flexibili-

dade, organização e comunicação. Esta nova realidade testa, de forma constante, a resiliência de cada um, não só a nível profissional, mas também a nível pessoal. Devemos ser resilientes e encarar as situações de forma positiva, contribuindo proactivamente para a melhoria dos processos da organização.

2. Comunicação e melhoria contínua – Novos enquadramentos e métodos de trabalho, requerem inevitavelmente novas abordagens e competências ao nível de comunicação. É importante o desenvolvimento de capacidades de colaboração, o que implica a utilização de novas ferramentas e o desenvolvimento de competências ao nível comunicativo. O trabalho remoto por exemplo, implica conseguir transmitir informações de forma eficiente, eficaz e consistente aos nossos clientes, parceiros e colegas de trabalho.

3. Trabalho em equipa – Mais do que nunca é importante não só manter a produtividade individual, mas também ser capaz de identificar lacunas da sua equipa e ajudar a motivar todos os elementos para que estejam todos a trabalhar com rumo ao mesmo objectivo.

4. Ética de Trabalho, organização e responsabilização – Ser capaz de se organizar e ter uma visão clara da sua função e do contributo que tem nos resultados da empresa é substancial. A produtividade é a chave para conseguir ultrapassar os desafios impostos pelos eventos económica/globais. Ter vontade e capacidade de desenvolver recorrentemente as suas competências é um factor decisivo. O importante é estar disponível para uma evolução constante que possa enriquecer o seu contributo para a empresa, no âmbito da sua função. Quando o colaborador se torna mais eficiente através da sua organização pessoal, o mesmo contribui para a eficiência da equipa e, consequentemente, da organização.

Com a actualização dos nossos sistemas de AD com as competências exigidas a nível global, garantimos que as nossas pessoas são avaliadas de forma justa, clara, concisa e transparente a nível contínuo. Só assim conseguimos reter os nossos talentos e garantir que tenham uma carreira sólida.

A OMS estima que, em todo o mundo, 19 milhões de crianças são deficientes visuais. Se detectado no início, até 80% dos casos são facilmente tratáveis.

Prevenir a cegueira em crianças



Celso Malavoloneke,
docente
e jornalista

Já perdi a conta das vezes que fui abordado por mães de pessoas com albinismo procurando saber como corrigir as deficiências

visuais que nos acometem desde pequeninos. A minha resposta é sempre que levem as crianças ao oftalmologista o mais cedo possível, tão logo comecem a sentar-se e a gatinhar. Elas dizem-me que os médicos não aceitam atender crianças que não ainda falam, pois não se conseguem comunicar com elas para realizar uma consulta eficaz.

A princípio admirou-me. Nós, crianças com deficiências visuais – não só com albinismo – que nascemos nas décadas de 60, 70 ou mesmo 80 do século passado, fizemos as nossas consultas de vista não antes dos 10 anos. No meu caso, fiz todo o meu ensino primário, secundário e médio apenas com óculos escuros sem graduação. Mas isso acontecia porque éramos pobres e nas províncias onde vivíamos não havia condições médicas para oftalmologia pediátrica (consulta de vista para crianças). Nunca me tinha apercebido que, para além disso, há também o problema de os próprios médicos não o poderem fazer a bebés que ainda não falam e que esta questão persiste hoje nas nossas unidades sanitárias, em pleno século XXI. De repente, dei-me conta que temos aí mais um factor de discrimi-



nação e exclusão das crianças, sobretudo as que têm albinismo, e com propensão a deficiências na visão como miopia (baixa visão), nistagmo (tremores horizontais da pupila), fotofobia (encandeamto) e outros.

Inconformado, decidi pesquisar sobre o assunto. Porque não acreditava que numa época em que já se experimenta a prótese de pupila para recuperar a cegueira, a ciência médica não tivesse avançado no desenvolvimento de técnicas de prática de oftalmologia em bebés. Até porque, quanto mais cedo a vista for tratada, menos danificada ela fica. E de facto descobri que é possível sim tratar a baixa visão em bebés. A Organização

Mundial da Saúde estima que, em todo o mundo, 19 milhões de crianças são deficientes visuais. Se detectado no início, até 80% dos casos são facilmente tratáveis. Nos países em desenvolvimento, 60% das crianças que ficam cegas morrem no espaço de um ano. Mas em muitos lugares, os oftalmologistas pediátricos são escassos. A pensar nisto, uma médica espanhola, em trabalho conjunto com a Huawei, desenvolveu uma tecnologia que torna mais simples o diagnóstico de problemas oculares em crianças pequenas: a TrackAI.

Tradicionalmente, os médicos diagnosticam doenças de visão em crianças pequenas, movendo um dedo ou um objecto em frente

dos olhos observando a reacção. Por seu lado, TrackAI consiste em inteligência artificial que analisa o olhar das crianças enquanto assistem a estímulos visuais em dispositivos. Os resultados precisam ser verificados por um oftalmologista, mas a tecnologia simplifica significativamente o teste em crianças pequenas, especialmente nos bebés que não conseguem falar ou ficar quietos. Esta tecnologia foi criada por meio de uma parceria entre a DIVE - uma startup fundada pela Dr^a. Victoria Pueyo, oftalmologista pediátrica em Zaragoza, Espanha – e o instituto médico IIS Aragon, em conjunto com a gigante de tecnologia Huawei.

Os algoritmos estão ainda a ser treinados para a recolha dos dados do movimento dos olhos de crianças com deficiência visual. Mas prometem salvar a visão de milhões de pessoas mesmo antes de falarem. Esta tecnologia é de uso tão simples que pode ser adaptada ao telefone celular e as mães comuns podem usá-la facilmente para verificar e monitorizar a saúde da visão dos seus bebés pequenos.

Esta acaba por ser mais uma das vantagens que Angola pode alcançar com o investimento urgente na capacidade de conectividade em todo o território nacional. Médicos oftalmologistas podem ser treinados no uso desta tecnologia e realizar consultas de alta qualidade a crianças com problemas visuais em qualquer parte do país. Isso responde também a quem se pergunta se o investimento na conectividade deve ser feito antes da produção de alimentos, saúde, educação, estradas e demais infra-estruturas básicas. A conectividade, hoje por hoje, é a avenida por onde passa e fica facilitado o desenvolvimento nestes e em todos os domínios da vida das pessoas.

Nos países em desenvolvimento, 60% das crianças que ficam cegas morrem no espaço de um ano. Mas em muitos lugares, os oftalmologistas pediátricos são escassos.

Opiniões

E agora pergunto eu...

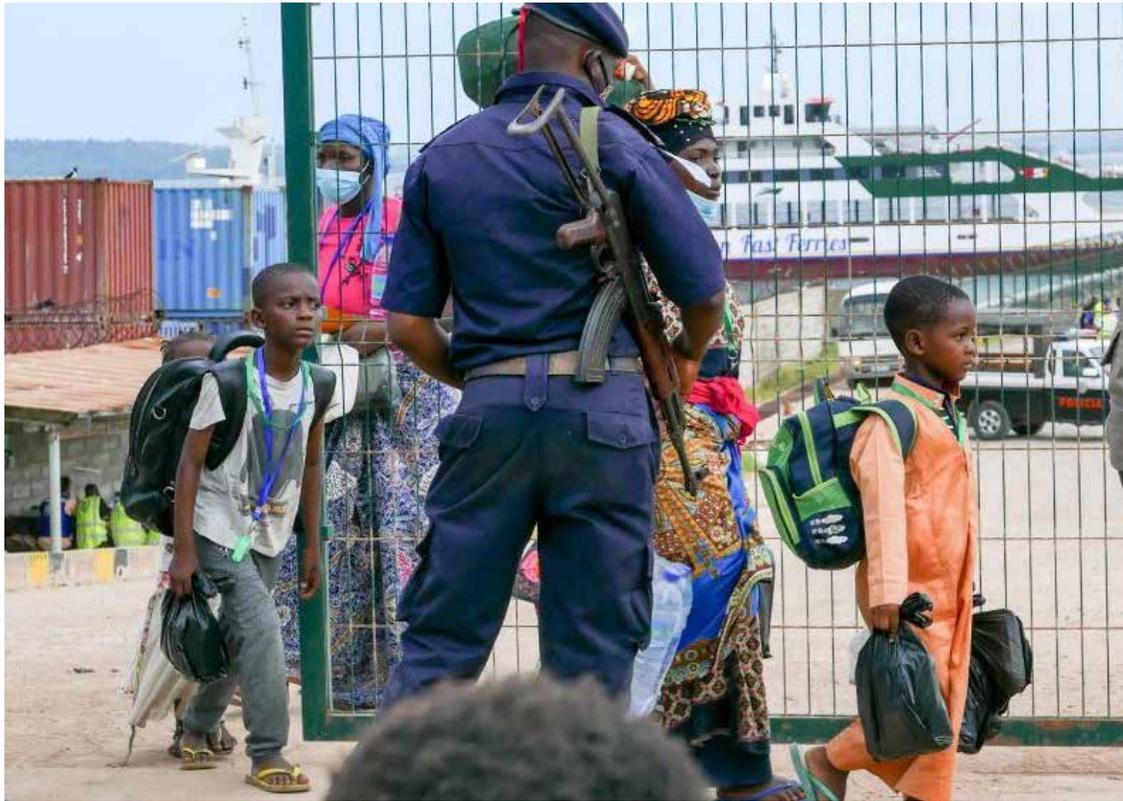


Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Bem-vindo, querido ouvinte, a este seu espaço de perguntas numa semana em que a actualidade mundial está a ser marcada pela continuidade da saga covid, com países como a França a considerarem novos confinamentos enquanto outros desconfinam, e outros ainda a descobrirem novas estirpes do vírus (incluindo uma angolana que a ministra da Saúde já veio renegar), e a maioria continua refém das guerras comerciais em torno das vacinas. Bem a propósito das guerras comerciais, a Oxfam fez um relatório sugestivo dizendo que a riqueza acumulada desde que iniciou a pandemia pelos mais ricos do planeta, menos de 4 mil pessoas, seria mais do que suficiente para pagar vacinas gratuitas para o mundo inteiro.

Angola, pode ler no Valor Económico da semana passada, longe de ponderar taxar os mais ricos como está a fazer a administração dos EUA ou o governo inglês, conseguiu comprar vacinas ao dobro do preço que está tabelado e limitado precisamente para prevenir especulação pelos russos... Somos um povo especial.

E tão especial que passámos a semana preocupados com os convites para almoçadas para comemorar a paz quando, cada vez mais, as lixeiras que rodeiam a capital se tornaram campos de batalha pelo lixo em que pessoas, muitas crianças, lutam para comer restos de comida estragada. Os vídeos são dilacerantes... e colocados ao lado de almoçadas de comemoração daquilo que se vai tornando cada vez mais uma paz podre e faminta, o choque ilustra o cenário dantesco das lide-



ranças falhadas e completamente alheias ao sofrimento que causam à sua volta. Só Sérgio Piçarra para conseguir ilustrar esse choque absurdo com a angolanidade dos seus cartoons geniais.

O comentário mais avisado que li sobre a almoçada, e que resume a repulsa pelo absurdo desse contraste, foi o de Sizaltina Cutaia, umas das jovens que traz esperança no panorama político do país, e que dizia e, subscrevo aqui inteiramente, o seguinte:

“Haverá um banquete no palácio presidencial para homens ricos e barrigudos tratados como individualidades nacionais. Enquanto uns estão preocupados por este ou aquele não ter sido convidado e outros elogiam a iniciativa do reformador, eu estou a pensar nos que morrerão hoje, amanhã e no dia da paz por falta de um prato de comida. Não sei se haverá morte mais indigna que aquela provocada pela fome.”

Disse tudo. Mais mulheres como esta precisam-se, não só porque morrem duas crianças a cada hora de fome na mesma Angola das almoçadas e dos luxos palacianos, mas porque esta semana também fomos lembrados de que a ignobilidade não é restrita ao partido no

poder que anda sempre entretido em campanhas para sujar opositores. E fomos lembrados disso através do recurso desesperado à vida pessoal de uma opositora com argumentos atrasados e mentecaptos de roubo de homem como se fosse este um argumento político minimamente aceitável. Homem pode ser roubado como se rouba um sambapito ou como se rouba dinheiro aos cofres públicos, como se um homem fosse uma coisa sem vontade e sem arbítrio? Com tanto argumento com cabeça tronco e membros, e agora pergunto eu, porquê ir buscar este que é atestado de um retardamento irrecuperável? E é preciso mais provas que de MPLA e UNITA são mais parecidos do que outra coisa? Uns chamam “estrangeiro, pedófilo” os outros respondem com “gatuna de marido”, até onde é que vão descer o nível? Francamente...

O episódio, que mais uma vez mostrou como ficam parecidas as formações políticas quando resolvem todas chafurdar na lama em que é impossível distingui-las, teve pelo menos o mérito de vermos mulheres da UNITA demarcarem-se do discurso imbecil, a favor da ofendida do MPLA e a mostrarem que, independentemente da filiação par-

Angola longe de ponderar taxar os mais ricos, como está a fazer a administração dos EUA ou o governo inglês, conseguiu comprar vacinas ao dobro do preço...

tidária, pensam pela própria cabeça.

Coisa que, mais uma vez, vem dar alguma esperança na nova geração do panorama político nacional.

Felizmente, há mais exemplos... O jovem mentor do projecto Camunda News lembrou-me algo que faz todo o sentido, a propósito de uma live que estava a preparar acerca da situação que se vive na região de Cabo Delgado em Moçambique.

Dizia então o jovem com nome de revu francês, Herlander Napoleão, que em Angola não se está a

dar atenção ao que se está a passar em Moçambique e que isso é um erro. E está coberto de razão, porque, não só Moçambique tem laços de proximidade históricos com Angola, e laços económicos também (o nosso presidente, por exemplo, tem ou tinha lá negócios alegadamente de vulto), mas sobretudo porque Angola tem, regiões do território, com as mesmas condições socioeconómicas que potenciaram o tipo de terrorismo difícil de combater na região de Cabo Delgado e que já matou centenas de pessoas e deslocou perto de um milhão, sendo que meio milhão são crianças. Esses mortos e deslocados não seriam grande notícia se não tivessem agora morrido estrangeiros e se Cabo Delgado não fosse a base do maior investimento estrangeiro em África com a extracção de gás feita pela francesa Total num investimento de 16 mil milhões de USD, que está suspenso por causa do terrorismo e da insegurança na região.

A pobreza extrema confrontada com a extracção de recursos preciosos e a continuidade da privatização dos lucros desses recursos, conjugada com o abandono das comunidades de onde esses recursos saem, são condições ideais para que se criem bolsas de terrorismo e, querido leitor, em Angola, não faltam recursos minerais preciosos a serem arrancados da terra com pouca partilha com as comunidades locais.

Acontece em Cabinda, acontece nas Lundas, onde vimos episódios negros como o de Cafunfo, e pode acontecer em qualquer zona em que exista muita pobreza e poucos ricos a sugarem riquezas sem se preocuparem com a vida das comunidades à volta...

Em Moçambique, são os jovens pobres miseráveis sem perspectivas que se juntam aos ideais e à violência terrorista e que matam os seus conterrâneos e, por isso, é difícil combater a insurgência porque ela brota da terra entre os nativos, não é apenas importada. Se esses jovens tivessem perspectivas de vida, de futuro, um lugar, o terrorismo não teria como se instalar como fez.

Temos em Angola as mesmas condições para o desespero que leva ao aumento do terrorismo, temos de corrigir o curso. Com esperança de que, depois do almoço e do bucho cheio, os nossos dirigentes já consigam pensar em soluções que melhorem as condições de vida dos angolanos que os elegeram, marcamos aqui encontro e na sua Rádio, Essencial.

Mesmo sem o terem lido já tem gente a fazer-lhe críticas, baseadas nos ataques que certos economistas fazem à autora nos Estados Unidos.

Mitos em economia – a propósito de “The Deficit Myth”



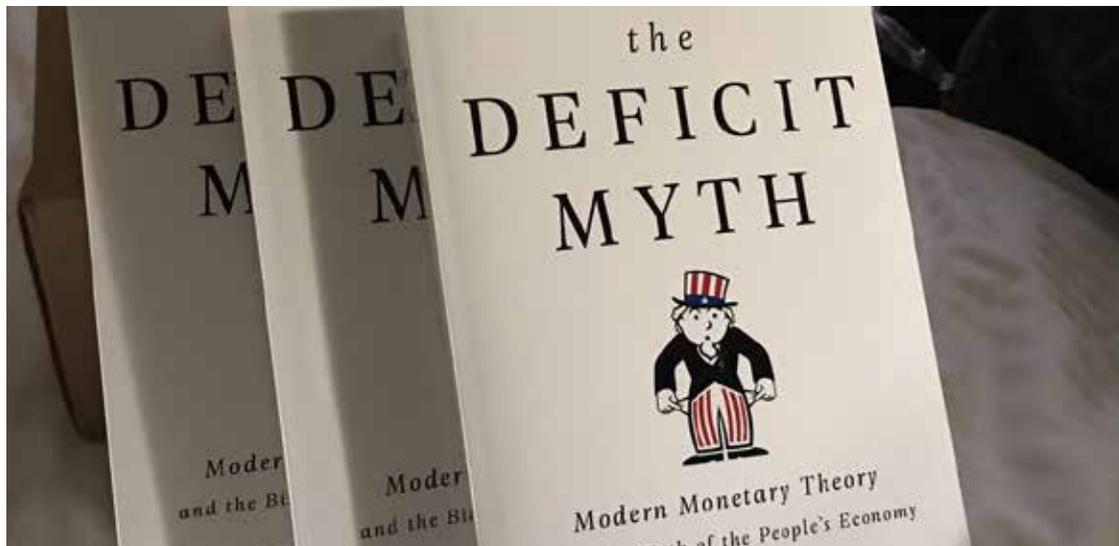
Jonuel Gonçalves,
economista

O valor de um estudo económico reside na sua capacidade de suscitar e estimular debate, multiplicar as contribuições e acrescentar focos de análise, no sentido de reforçar teses anteriores ou formular desacordos. Como área de estudo, a Economia constrói-se assim. Por isso, todas as obras marco nesta construção, além de seguidores, tiveram até hoje adversários terríveis.

Há seguidores críticos situados perto dos adversários de boa-fé. Têm em comum querer introduzir aperfeiçoamentos, sendo em geral economistas preocupados com a montagem do maior número de mecanismos de autocorreção, pois se os modelos económicos têm data limite, o pensamento económico renova-se com igual rapidez. Ou devia.

Mas há os seguidores fervorosos que transformam textos em ideologia imutável e, no lado oposto, os adversários raivosos, às vezes, só porque o trabalho em causa teve algum sucesso e não foram eles os autores. Infelizmente, é nos meios académicos que mais exemplos existem. Quem se opuser a teorias eternas ou ousar inovar vai, de certeza absoluta, arranjar bandos de inimigos entre os colegas, que podem ir muito longe. Até à perseguição e tentativa de destruir a reputação.

É assim porque continua muito difícil distinguir, na prática, entre atividade económica e guerra económica. Esbarrei nesta dificuldade com um trabalho em curso sobre



Angola: comecei a pesquisa orientada para ‘História Económica de Angola’ e já mudei o título para ‘Angola – 5 séculos de guerra económica’. Se escrever sobre os altos e baixos da Petrobrás, de Getúlio aos nossos dias, só seria diferente no número de anos.

Quase todos os membros da CPLP estão nessa situação sobretudo se, na guerra económica, incluímos as experientes brigadas da corrupção. Há motivos para incluir.

Tudo isto a propósito do livro ‘The Deficit Myth’ de Stephanie Kelton, ainda não traduzido em português. Mesmo sem o terem lido já tem gente a fazer-lhe críticas, baseadas nos ataques que certos economistas fazem à autora nos Estados Unidos, onde o clima nesta disciplina é tão bélico como em qualquer outro país.

Stephanie Kelton é professora numa pequena universidade e a repercussão do seu livro é, por essa razão, mal recebida em catedráticos das maiores, (às vezes, apenas porque possuem maior orçamento). Sublinham bastante que ela foi conselheira da campanha eleitoral de Bernie Sanders, apresentado em alguns círculos, sobretudo trumpistas, como super radical, embora

nas margens europeias do Atlântico Norte ele fosse simplesmente um bom social-democrata e, dos dois lados do Atlântico Sul, um reformista. É bom acrescentar, então, que ela trabalhou também na comissão de Orçamento do Senado Federal.

O livro transmite a abordagem base da denominada ‘Moderna Teoria Monetária’ (MTM em inglês, MTM, em português se quiserem), apresentando o que pode ser uma alteração de paradigma. Hipótese encarada até em meios pouco suspeitos de subversão de ideias. Pode ser, afinal, uma atualização de paradigmas que vêm de autores precedentes e que também passaram por ofensivas semelhantes, antes de serem consagrados. Keynes, por exemplo.

Queda de paradigmas?

Trata-se de refletir sobre se o ‘déficit público não é tão mau em si’, ou seja, ele pode mesmo corresponder à excedente do privado. Sem dúvida, o perfil deficitário dos orçamentos decorre, em larga medida, de obras confiadas a empresas privadas e juros de títulos, adquiridos por corporações ou particulares. Ainda assim, merece um detalhe adicional adiante.

O fundo do debate situa-se, de

novo, na busca eterna de equilíbrios. A balança de despesas, de um lado, e receitas, do outro, aparece até nos pontos de vista sobre salários: despesa para empresas, receita para os que vivem deles, ultrapassando o mercado de trabalho e abrangendo o de consumo.

Até há pouco, as situações de crise davam lugar a propostas de austeridade, tendo chegado à colonização orçamental decretada por grandes centros de decisão contra alguns países. Enfim, constatou-se que essa prática retirava meios de recuperação e, além disso, os países atingidos eram vítimas de outra limitação: a incompetência dos técnicos enviados para policiar a austeridade.

Com a pandemia, os sacrossantos paradigmas da dívida caíram sem resistência. Nunca se gastou tanto e nunca juros e prazos de pagamento foram tão favoráveis aos beneficiários. Em conjuntos como a União Europeia, passaram a ser realmente beneficiários. Nos Estados Unidos, estão em curso cálculos sobre se os montantes gastos no confronto da economia com a pandemia não seriam superiores aos do país na segunda guerra mundial.

Este assunto não é exclusivo

dos Estados Unidos nem dos países desenvolvidos. É geral de todas as economias, grandes ou pequenas, ricas ou pobres porque, na verdade, o ‘déficit’ não é apenas um, mas vários mitos. Já temos aqui uma oportunidade no debate em torno da MTM e do livro de Stephanie Kelton: alargar o campo de análise.

Se um novo paradigma, com valor universal, ficar estabelecido em relação aos défices orçamentais, será possível reequacionar todo o processo de saída do subdesenvolvimento, em grande escala dificultado pelo custo dos pagamentos da dívida. Há países africanos onde este lado do mito representa em torno de 50% dos orçamentos do estado. Como os setores privados são de grande debilidade, é difícil considerar esse perfil orçamental como só relacionado a excedente das empresas.

Mas é útil conferir e, ao mesmo tempo, o alargamento de contextos permite globalizar a discussão abrangendo todos os estágios de desenvolvimento atual.

Fica a questão da inflação cujo aparecimento ninguém vê como mito. Não se trata de propor inflação zero, sempre próxima de algo pior, a deflação. Trata-se de analisar se está ou não controlada, valendo a pena aprofundar sobre as suas causas. Neste ponto, o Brasil tem uma experiência valiosa na medida em que demonstra não haver conclusão definitiva ou sistemática. A fase de modernização produzida pelo governo Juscelino Kubitschek, no fim da década de 1950, teve resultados apreciáveis, apesar da inflação. Nos anos 1980, tudo se passou de forma muito diferente com a hiperinflação e, atualmente, voltam os receios, causadores da recente alta na taxa base do Banco Central.

Receios de inflação existem hoje por todo o lado, notando-se, por exemplo, inflação no setor alimentar tanto em economias de perfil formal como de dominante informal. Paul Krugman acredita que não será nada do mesmo tipo da inflação dos anos 1970. Mais uma razão para pensar no que possa ser e na sua relação inter-setorial.

Assim, à volta da MTM está em debate um bloco para além do estritamente monetário. Mesmo relativizando várias das suas considerações de pesquisa, um ponto é certo: a economia está mais cheia de mitos que a antiguidade egípcia. Os mitos custam caro e temos visto o preço de mitos políticos com efeitos económicos devastadores.



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te

Sobre [Ver tudo](#)

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos teus amigos

11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

Fotos [Ver tudo](#)



Edição 252 Likes 325 Partilhas 49

A edição 252 do Valor Económico trazia o tema da privatização do banco público BCI, discutido por dois analistas nas suas vantagens e desvantagens. Outra alienação que gerou comentários dos internautas na página do Facebook do Valor Económico foi a venda de um edifício património da Sonangol em Portugal, no centro da capital, por 30 milhões de USD, que foi tema discutido em Fevereiro.

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico. Gralhas e discussões pessoais são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Carlos Lopes

Essa Sonangol é melhor fechar, já não tem nada pra dar aos angolanos. 30 milhões de dólares vão acabar só em salário deles



Evanilda Cassengue

Um dia vamos assustar já está, fomos vendidos.



Jo Fredy

País de brincadeira, um edifício a 30 U\$ milhões não é negócio Sério!



Pablo Nascimento

Muito pouco, quando eu participei na construção do mesmo edifício em 2003 a 2007 não custou este valor



Embaixador Timóteo Adelário KB

Loucuras De Angola.



Ernesto Panda Blest

Quem comprou?



Luís Skill

Niga Dos Ranger Lupina
Onde vai essa Angola que virou vadia e prostituta?



Artur Matias

Mas k porra de negócio é este?
Um edifício que é comprado a 38,5 milhões.
É valorizado a mais de 100% (está avaliado a 60.000.000,00 Euros)
E é vendido a 30.000.000,00
mas que negócio é este?
Alguém saiu a ganhar



Ferreira de Castro

Artur Matias
O valor das obras entretanto feitas.



Edlazio Mariano

Artur Matias
O negócio dos marimbondos, o que mais seria?



Divaldo Cruz

Quanto perdeu??



Domingos Conceição Teta Dembo

Grande N.buanha!
Como é que o Estado vai ganhar vendendo um BCI em pré-bancarota?
Se a economia está em retração e os aforradores não acreditam na moeda kwanza e a bolsa é uma miragem complexada e leiloeira de bilhetes de tesouro e títulos, negócios confortáveis de banqueiros de casino
Angola é meme financeiramente analisando



Cristiano Casimiro

Domingos
é mesmo meme. Infelizmente



Adyl Son

Mixa para os governantes memeiros

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

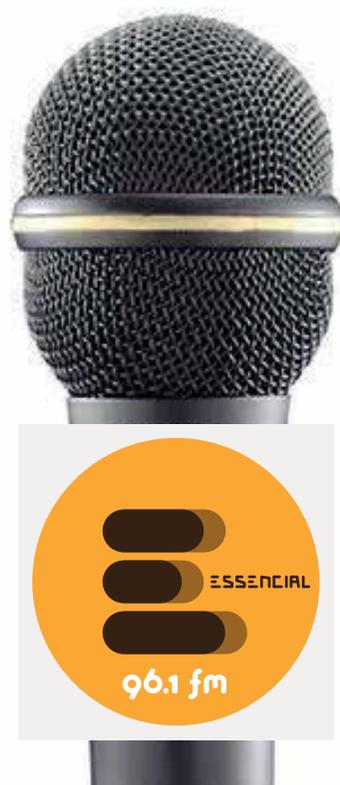
Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



Covid-19

MORATÓRIA DA DÍVIDA

Cabo Verde poupa quase 34 milhões de euros

A suspensão do pagamento do serviço da dívida ao abrigo de uma iniciativa do G20 para mitigar as consequências económicas da pandemia vai permitir a Cabo Verde poupar quase 34 milhões de euros em dois anos, segundo o FMI.

No relatório completo sobre a terceira e última revisão do programa de assistência técnica PCI (Instrumento de Coordenação de Políticas, na sigla em inglês), agora concluído e consultado pela Lusa, o Fundo Monetário Internacional (FMI) contabiliza que os credores concederam cerca de 15,5 milhões de dólares em moratórias ao serviço da dívida de Cabo Verde em 2020.

Acrescenta que ainda no âmbito da iniciativa DSSI, promovida pelo G20, o Governo cabo-verdiano pediu aos credores uma extensão desse apoio até ao final de Junho de 2021, esperando que a moratória ascenda a mais 24,9 milhões de dólares, um aumento, segundo o FMI, devido à “cobertura mais ampla de alguns credores”.



DUAS VEZES POR SEMANA

Reino Unido vai oferecer testes para todos

O governo britânico anunciou que todos os adultos e crianças vão passar a poder fazer testes de rotina à covid-19 duas vezes por semana, como forma de impedir novos surtos da infecção.

Numa altura em que o Reino Unido está a sair de um confinamento nacional, o primeiro-ministro, Boris Johnson, afirmou que testar regularmente pessoas que não apresentam sintomas vai ajudar “a interromper os surtos”.

“[O objectivo é que seja possível] voltarmos a ver as pessoas que amamos e fazer as coisas de que gostamos”, explicou. Os testes, que estarão disponíveis gratuitamente através de correio ou nas farmácias, permitem saber os resultados em 30 minutos, mas são menos precisos do

que os testes de PCR usados para confirmar oficialmente os casos de covid-19.

O governo sublinhou, no entanto, que estas análises são confiáveis e desempenharão um papel importante na abertura da sociedade a todo o tipo de actividades.

O primeiro-ministro anunciou os próximos passos do país depois de um confinamento de três meses, devendo confirmar que cabeleireiros, lojas, bares e esplanadas vão reabrir em 12 de Abril.

É improvável que Boris Johnson anuncie uma data a partir da qual os britânicos poderão voltar a viajar de férias para fora do país – actualmente é proibido – embora o governo já tenha garantido que isso não acontecerá antes de 17 de Maio.

...E AINDA NO REINO UNIDO

Companhias pedem fim de restrições

Os administradores de várias companhias aéreas que operam no Reino Unido apelaram ao primeiro-ministro, Boris Johnson, para que dê “luz verde” em Maio aos voos internacionais para impulsionar a economia britânica. Segundo noticia o jornal The Sun, administradores da British Airways, EasyJet, Jet2.com, Loganair, Ryanair, Tui e Virgin Atlantic enviaram uma carta a Johnson para solicitar o regresso imediato de voos para o estrangeiro, uma vez que, actualmente, os britânicos estão proibidos de fazer férias fora do Reino Unido.

“Não pode haver recuperação económica sem a aviação e estamos confiantes de que temos as ferramentas para permitir um início seguro e confiável das viagens aéreas em Maio”, escreveram os representantes das companhias aéreas.

“Acreditamos que os passageiros vacinados não

devem estar sujeitos a restrições de viagem e que o teste à covid-19 pode diminuir as barreiras para viajar”, acrescentaram.

O governo não tomou uma decisão sobre voos para o estrangeiro, mas deixou claro que não será antes de 17 de Maio.

Segundo os meios de comunicação social, essas viagens estarão sujeitas a um sistema de “semáforos”, nos quais cada país será listado em vermelho, amarelo ou verde, em função do risco de contágio e do estado de vacinação nesses destinos.

Pessoas que viajam para países em “verde” não terão de entrar em quarentena no regresso ao Reino Unido, mas no caso de um território em “amarelo” e os que estiveram num destino em “vermelho” terão de cumprir um período de isolamento de dez dias em hotéis designados pelo Governo.



PESQUISADORES IDENTIFICARAM nove potenciais novos tratamentos da covid-19, incluindo três, que já foram aprovados pela Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos para o tratamento de outras doenças, o ciclosporina, o dacomitinibe; e o antibiótico salinomina.



EM TODO O PAÍS

Aulas no ensino pré-escolar retomam

As aulas no ensino pré-escolar retomam, depois de um ano de paralisação, em consequência do registo dos primeiros casos de covid-19 no país, em Março de 2020.

Dados disponíveis indicam que em Luanda 350 estabelecimentos do ensino pré-escolar reabrem as portas, para receberem crianças até aos cinco anos.

O retorno às aulas neste subsistema de ensino (creches e jardins de infância) surge na sequência da reavaliação das medidas de prevenção e controlo da propagação da covid-19, tendo em conta a evolução da situação epidemiológica do país.

Em Decreto Presidencial, divulgado a 26 de Março, o Executivo anunciou que a reabertura abrange os estabelecimentos de ensino públicos e privados do

Sistema Nacional de Ensino, instituições de Estados estrangeiros e escolas Internacionais, que funcionam em território angolano.

O Decreto autoriza, igualmente, a abertura dos refeitórios para uso exclusivo do ensino pré-escolar.

O reinício das aulas presenciais no pré-escolar enquadra-se no programa de retorno dos alunos às salas de aula. No âmbito deste cronograma, as aulas começaram a 5 de Outubro, nas classes de transição (6.ª, 9.ª, 12.ª e 13.ª classes).

No ensino primário e I ciclo, as aulas têm a duração de 2h30, ao passo que no II ciclo do ensino secundário é de 3h30.

Em Angola, para o presente ano lectivo, estão matriculados, no ensino geral, mais de 10 milhões de estudantes.

PARA EVITAR CONTRAFACÇÃO

Quênia suspende importação privada de vacinas

O Quênia ordenou a suspensão imediata das importações privadas de vacinas contra a covid-19, invocando o receio de que isso possa levar à entrada no país de vacinas contrafeitas.

“Para assegurar a transparência e a responsabilidade no processo de vacinação, e para proteger a integridade do país, o Governo está a fechar a janela da importação, distribuição e administração de vacinas pelo sector privado, até que haja uma maior transparência e responsabilidade em todo o processo”, declarou o Comité Nacional de Resposta de Emergência sobre o coronavírus.

As instalações de saúde privadas têm cobrado cerca de 80 dólares pela vacina russa Sputnik, enquanto as instituições governamentais estão a dar gratuitamente as vacinas Astra-Zeneca-Oxford, recebidas da

iniciativa global Covax, criada para assegurar que os países de baixo e médio rendimento têm um acesso justo às vacinas.

Nas últimas semanas, o governo queniano tem estado numa campanha de sensibilização para reduzir a relutância dos trabalhadores da linha da frente em aceitar as vacinas da Astra-Zeneca-Oxford.

Até agora, cerca de 160.000 pessoas foram vacinadas em mais de um mês, desde que o país recebeu pouco mais de um milhão de doses.

Em 26 de Março, depois de ter anunciado uma nova restrição mais rigorosa à circulação e reunião devido a um surto de casos do novo coronavírus e mortes, o Presidente, Uhuru Kenyatta, levou o seu gabinete a ser vacinado publicamente.



VACINAÇÃO

Papa pede que atrasos sejam superados

O Papa Francisco exortou a comunidade internacional a “um compromisso comum para superar os atrasos” na distribuição das vacinas contra o coronavírus e “promover a distribuição, especialmente nos países mais pobres”.

“Exorto toda a comunidade internacional a assumir um compromisso comum para superar os atrasos na distribuição e promover a distribuição, especialmente nos países mais pobres”, exclamou o pontífice na mensagem de Páscoa.

Depois de celebrar a Missa no Domingo da Ressurreição dentro da Basílica, e não da varanda da fachada de São Pedro como marca de tradição, porque toda a Itália está confinada nestes dias, o Papa rezou para que “o Senhor dê conforto e amparo ao cansaço dos médicos e enfermeiras” e destacou que “todas as pessoas, principalmente as mais fragilizadas, necessitam de assistência e têm direito ao acesso aos tratamentos necessários”.

“Isso fica ainda mais evidente neste momento em que todos somos chamados para combater a pandemia e as vacinas são uma ferramenta essencial nessa luta”, afirmou.

Nesta segunda Páscoa, anómala pelas restrições, Francisco disse ainda que “a pandemia continua a todo o vapor” e que a crise social e económica “é gravíssima, sobretudo para os mais pobres”.

O Papa considerou um escândalo que apesar da situação crítica que o mundo vive por causa da pandemia não terem cessado os conflitos armados e de estarem a ser reforçados os arsenais militares.

CONTRA A COVID-19

Bolsonaro quer ser o último brasileiro a ser vacinado

O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, disse que caso decida receber a vacina contra a covid-19, será o “último brasileiro” a ser imunizado, frisando que esse é o “exemplo que um chefe deve dar”.

“Há uma discussão agora, se eu vou vacinar-me ou não. Eu vou decidir. O que eu acho? Eu já contraí o vírus. Eu acho que o que deve acontecer é: depois que o último brasileiro for vacinado,

se sobrar uma vacina, então eu vou decidir se me vacino ou não. Esse é o exemplo que um chefe deve dar. Igual ao quartel. Geralmente o comandante é o último a se servir. É o que dá exemplo a todos”, disse Bolsonaro, na sua habitual transmissão semanal na rede social Facebook.

Bolsonaro, de 66 anos e um dos chefes de Estado mais cépticos em relação à gravidade da pan-

demia em todo o mundo, chegou a dizer publicamente que não iria receber a vacina contra o SARS-Cov-2, afirmando que pode provocar efeitos secundários, posição que provocou receio em algumas parcelas da sociedade.

Segundo informações oficiais, 18,5 milhões de doses de vacinas contra a covid-19 já foram aplicadas até ao momento no Brasil, num plano que avança lentamente, devido

a dificuldades que o executivo brasileiro enfrenta na sua aquisição.

Na sua transmissão em vídeo, o chefe de Estado mostrou-se esperançoso com um novo medicamento para o tratamento da covid-19.

“Já chegou à Anvisa [órgão regulador do Brasil] a proxalutamida. É um medicamento que é desenvolvido conjuntamente com os Estados Unidos. Não é só nosso não, está?”

Marcas & Estilos



Look completo

Este design simples faz desta uma das peças mais atemporais. Da colecção Ande, é feita por artesãos no Peru. Cada bolsa é feita à mão usando um tear tradicional. A técnica remonta a antes do período Inca. Tem um formato clássico com camadas para completar o look e chamar a atenção.



Naturalmente ágil

Aprecie o sumo – e apenas o sumo – de frutas cítricas saborosas. Vire suavemente a fruta contra o centro da prensa Eva Solo e deixe que o sumo – peneirado das sementes – passe pela alça, que funciona como um funil, directo para uma jarra ou copo.



AUTOMÓVEL

Parcimónia à parte!

O Rolls-Royce Bespoke Collective recebeu um número sem precedentes de solicitações, com quase todos os 5.152 motores que o fabricante criou. Em alguns casos, isso significava adicionar um refrigerador de champanhe, uma televisão ou humidificadores com controlo de temperatura.

Daí que grandes ideias e bolsos ainda maiores mantêm ocupada a divisão personalizada. No ano passado, a marca revelou o carro mais caro já feito, uma construção única apelidada de Sweptail, avaliado em USD 13 milhões. Um telhado de vidro de peça única, a maior grade já instalada num Rolls da era moderna e uma popa inclinada directamente inspirada no mundo dos iates de corrida mantêm os cliente felizes – e o Rolls-Royce a sorrir.

AGENDA

LUANDA

6 DE ABRIL

Lançamento da plataforma SWEG - Sistema Web de Gestão, no Hotel Epic Sana, das 08h00 às 11h30. Dispositivo criado pela Lello & Companhia, em parceria com a WebTech para facilitar a oferta de serviços e produtos.

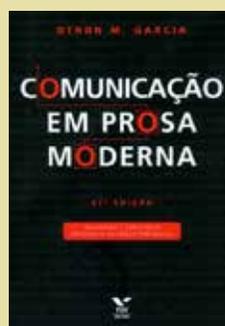
10 DE ABRIL

Peça de teatro infantil 'A Cadeira que Queria ser Trono', baseado na obra de António Trocado. Bilhetes a 500 kwanzas a partir das 11h00, no auditório CCBA.

12 DE ABRIL

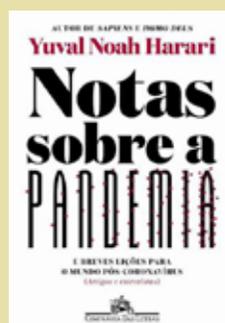
A Embaixada de Portugal em Angola promove webinar 'Luanda Green Talk', sob o lema 'Angola + Verde: Oportunidades e Desafios de uma transição verde em Angola'. A partir das 11h00.

LIVROS



NESTE LIVRO, OTHON MOACYR

GARCIA apresenta as subtilidades da moderna terminologia semântica e discute problemas linguísticos e lógicos com os quais se deparam todos aqueles que se dedicam à escrita, profissionalmente ou não.



HARARI DEBATE O IMPACTO e as consequências da pandemia de covid-19. O historiador israelita Yuval Noah Harari examina os dilemas da encruzilhada histórica provocada pela pandemia do novo coronavírus nos artigos e entrevistas reunidos nesta colectânea inédita.



TURISMO

Coisas da arquitectura

Há pouco menos de 20 anos, o horizonte do Catar era uma imagem desoladamente em branco. A única coisa que abraçava o litoral era o solitário Sheraton Grand. Agora, o hotel de luxo é ofuscado por todos os outros arranha-céus que se erguem à volta. As atracções incluem o Al Jazeera Media Café, onde pode encomendar a partir de um impressionante menu digital interactivo instalado na mesa que permite seleccionar a refeição, assistir às notícias mais recentes e até jogar 'air hockey'.

O horizonte de Doha é uma beleza em proporções épicas, dignas de cartão postal, e Al Corniche, a movimentada avenida do centro da cidade, adjacente à baía cintilante, coisa da arte arquitectónica.

No Museu de Arte Islâmica, pode também deliciar-se com uma experiência gastronómica da mais alta ordem epicurista. Localizado no quinto andar do museu e com uma vista magnífica de Doha, o primeiro restaurante de Alain Ducasse no Médio Oriente é o cenário perfeito para uma refeição elegante. O cardápio de Idam oferece uma fusão tentadora da culinária mediterrânea francesa, salpicada com uma pitada de exotismo árabe.

O Twisco contém cacau e açúcar, como outros produtos similares, mas marca a diferença, pela combinação de vitaminas chamada EnerFort.

CONTRIBUINDO PARA A NUTRIÇÃO DOS ANGOLANOS

Promasidor Angola coloca no mercado o achocolatado Twisco

PROMOÇÃO. Twisco, assim se chama o novo chocolate em pó solúvel produzido pela Promasidor Angola. Este achocolatado com um sabor inconfundível começou a ser vendido em todo o país. A fórmula inovadora de vitaminas de Twisco promete contribuir para a nutrição de todos os angolanos.

PUBLICIDADE

Com leite frio ou quente, em sobremesas, bolos e outras preparações, as possibilidades de saborear o novo chocolate em pó Twisco são infinitas. O produto da Promasidor já está nas lojas de todo o país e além de dar um gosto diferente aos pequenos-almoços, brunches ou lanches de todos os dias, contribui também para aumentar a saúde nutricional de miúdos e graúdos.

A aposta na nutrição acessível para todos é a grande missão de Promasidor, sintetiza Maria Abreu, directora de Marketing. Acessibilidade que não se reflecte apenas no preço justo dos seus produtos ao consumidor, mas na ampla disponibilidade do produto, um factor importante para o combate a subnutrição.

Para garantir este objectivo, a Promasidor aposta na produção nacional. O cacau utilizado no Twisco vem da África do Sul, mas as embalagens e o açúcar são produzidos em Angola. Para fazer deste novo achocolatado em pó um produto 100% nacional, a Promasidor começou já a contactar produtores do norte do país, para estudar a possibilidade de utilizar cacau angolano num futuro próximo.

O Twisco contém cacau e açúcar, como outros produtos similares, mas marca a diferença, pela combinação de vitaminas chamada EnerFort. Esta poderosa fórmula exclusiva da Promasidor é rica em

micronutrientes como as vitaminas B2, B3, B6, B12, C e D3, para além de conter também ferro, que carregam o nosso corpo com energia para todo o dia e nos ajudam a crescer fortes e saudáveis. Ao não alterar as propriedades do leite em que se dissolve instantaneamente, o Twisco aumenta ainda mais o seu valor nutricional, for-

talecendo os ossos, músculos e o sistema imunitário. É ideal para as crianças e para os adultos, por exemplo, ao pequeno-almoço ou depois de uma sessão intensa de exercício físico.

O novo chocolate em pó Twisco junta-se à família de produtos Promasidor, que conta também há alguns anos com o Cowbell Chocolate.



Sempre a pensar na saúde dos consumidores, este produto está enriquecido com a fórmula VitaRico (vitaminas A, C, D, E e K) e já contém leite (em pó) e açúcar. À diferença de Twisco, que se dissolve em leite, para tomar Cowbell, basta adicionar água.

Com um sabor intenso de chocolate, Twisco vai fazer as delícias de todos. Disfrute deste achocolatado em pó com o seu leite preferido, invente mil receitas novas. Ao mesmo, quase sem dar conta, estará a fortalecer e a proteger a saúde de quem mais ama.

FORNECEDOR PRIVILEGIADO DA INDUSTRIA LÁCTEA

A Promasidor é a empresa líder africana de produtos alimentares e bebidas e serve mais de 850 milhões de pessoas em todo o continente, estando presente em mais de 30 países em África.

Em Angola há mais de 20 anos, a Promasidor Angola foi o segundo projecto de investimento privado estrangeiro no país, e foi também a primeira empresa a embalar leite em pó. Hoje, e baseado num crescimento sustentado, a Promasidor Angola é líder de mercado do leite em pó, e é o fornecedor privilegiado da indústria láctea graças à sua força comercial. Está presente nas 18 províncias do país e tem investimentos em Cabinda, Huambo, Huíla e Benguela.

Conta com cerca de 200 colaboradores, chegando a mais de mil clientes directamente. Com mais de 160 milhões de unidade de produtos vendidos, as marcas da Promasidor Angola estão hoje à mesa de mais de 10 milhões de consumidores.

RELATÓRIO DA GLOBAL FOREST WATCH

Destruição de florestas aumentou em 2020

DESFLORESTAÇÃO. Relatório da ONG admite que a pandemia pode ter tido impactos negativos já que muitas florestas ficaram sem protecção e vigilância e não foi possível regular ou impedir as deslocações de populações inteiras para as zonas rurais, em alguns países.

Por Redacção

A área de florestas tropicais destruída em 2020 é equivalente ao território da Holanda, um

aumento de 12% em relação ao ano anterior indica o relatório da Global Forest Watch, divulgado hoje.

De acordo com a organização não-governamental, 4,2 milhões de hectares de ecossistemas fundamentais para o planeta desapareceram na sequência de incêndios ou foram abatidos pela acção humana.

A organização não-governamental sublinha que a área destruída aumentou "apesar da crise sanitária" provocada pelo covid-19.

A área ardida ou destruída corresponde a 4,2 milhões de hectares de florestas tropicais, cruciais para a biodiversidade do planeta e para o armazenamento de carbono.

No total, os trópicos perderam 12,2 milhões de hectares de floresta e plantações em 2020.

A Global Forest Watch refere que o "principal motor da destruição" foi "sem surpresa" a agricultura, mas os investigadores referem igualmente as vagas de calor que provocaram os incêndios no ano passado sobretudo na Austrália, na região russa da Sibéria e na Amazônia brasileira.

O relatório admite que a pandemia de covid-19 pode ter tido impactos negativos já que muitas florestas ficaram sem protecção e vigilância não tendo sido possível

regular ou impedir as deslocações de populações inteiras para as zonas rurais, em alguns países.

Assim, a crise sanitária agravou a trajectória relativa à destruição das florestas tendo a organização não-governamental alertado para o agravamento da situação sobre a regulação da flexibilização da recuperação económica.

Frances Seymour, da Global Forest Watch, afirma que o "pioress presságio" referente a 2020 mostra que as florestas "estão a ser vítimas directas" das alterações climáticas.

Os ecossistemas florestais correspondem a 30% da superfície da Terra sendo que as florestas tropicais "abrigam" entre 50% a 90% das espécies terrestres.

As florestas, assim como os solos, absorvem cerca de um terço das emissões de carbono (CO₂) estando o processo a ser afectado "inexoravelmente" pela crescente destruição.

Os cerca de 4 milhões de hectares de florestas tropicais destruídas em 2020 acabaram por libertar 2,64 de giga toneladas de CO₂, equivalente, segundo os cálculos, às emissões nocivas de 570 viaturas, por ano.

No Brasil, a desflorestação tem aumentado depois da chegada ao poder de Jair Bolsonaro: a floresta perdeu 1,7 milhões de hectares em 2020, uma subida de 25% no período de um ano, de acordo com o relatório.

A destruição atingiu directa-

mente a Amazônia, sobretudo entre o Brasil e a Bolívia, pelas acções deliberadas de desflorestação mas também pelos incêndios descontrolados e de grandes proporções.

Ao contrário, a Indonésia conseguiu reduzir o ritmo de desflorestação em 17% (segundo dados relativos a 2019) deixando de ser o país mais afeitado, segundo os relatórios da Global Forest Watch que se realizam desde o início do século XXI.

Na Indonésia, segundo a organização não-governamental, a situação parece estar a inverter-se em virtude das políticas públicas aplicadas nos últimos anos contra a destruição das florestas.

Paralelamente, um estudo publicado hoje na revista Nature Ecology & Evolution indica o "enorme apetite" dos países ricos por produtos agrícolas como o café e a soja acelerando o ritmo da desflorestação nos trópicos.

12,2

Milhões, total de hectares de floresta e plantações que os trópicos perderam em 2020.

As florestas absorvem cerca de um terço das emissões de carbono (CO₂).



Taça Cheia



96.1 fm

Rádio Essencial

Todos os
sábados,
às 19:00,
com
**Sebastião
Vemba**

Educação & Tecnologia

RELATÓRIO ANUAL DE 2020

Huawei reafirma compromisso de criar maior valor para os clientes e a sociedade

TECNOLOGIA. A Huawei divulgou hoje o Relatório Anual 2020. Embora o crescimento tenha desacelerado no último ano financeiro, em geral o desempenho dos negócios da empresa comportou-se em linha com as previsões.

PUBLICIDADE

A receita das vendas da Huawei em 2020 foi de cerca de 891,4 bilhões de yuans, o que equivale a um aumento de 3,8% anual. Por sua vez, o lucro líquido atingiu 64,4 bilhões de yuans, um aumento de 3,2% em relação ao ano anterior.

Apesar das dificuldades operacionais decorrentes das sanções impostas pelos Estados Unidos em 2019 e 2020, a Huawei voltou a convidar a KPMG para realizar uma auditoria independente e objectiva das suas demonstrações financeiras. O documento produzido pela KPMG não levanta ressalvas. Independentemente das circunstâncias, a Huawei continuará a agir de forma transparente, divulgando dados operacionais a governos, clientes, fornecedores, funcionários e parceiros.

Em 2020, o negócio de operadoras da Huawei continuou a garan-



tir a operação estável de mais de 1.500 redes em mais de 170 países e regiões, ajudando a possibilitar o teletrabalho, a educação online e as compras por Internet durante os spin-offs de covid-19. Em colaboração com operadoras em todo o mundo, a empresa ajudou a fornecer uma experiência conectada de qualidade superior e ultrapassou a cifra de 3.000 projectos de inovação 5G em mais de 20 sectores, incluindo mineração de carvão, produção de aço, portos e manufactura.

No ano passado, os negócios corporativos da Huawei intensificaram os esforços para desenvolver soluções inovadoras em

vários sectores e para criar um ecossistema digital que prospera na co-criação e no sucesso compartilhado. Durante a pandemia, a Huawei forneceu soluções e conhecimentos técnicos essenciais na batalha contra o vírus. Os exemplos incluem a solução de diagnóstico assistido por IA, baseada na Huawei Cloud, que ajudou hospitais em todo o mundo a reduzir a carga sobre a infra-estrutura médica. A Huawei também colaborou com os seus parceiros para desenvolver plataformas de aprendizagem online baseadas na nuvem para mais de 50 milhões de alunos do ensino fundamental e médio.

Com a implementação do Har-

mony OS e do ecossistema Huawei Mobile Services (HMS), os negócios de consumo da Huawei avançaram com a sua estratégia Seamless AI Life ("1 + 8 + N"). Esta solução oferece aos consumidores uma experiência inteligente em todos os dispositivos e em todas as configurações,

com foco especial em smartoffice, fitness e saúde, casa inteligente, viagens e entretenimento. "No ano passado, mantivemos a nossa posição em face à adversidade", disse Ken Hu, presidente rotativo da Huawei. "Continuámos a trazer inovações para criar valor para os nossos clientes, ajudar a combater a pandemia e promover a recuperação económica e o progresso social em todo o mundo. Aproveitámos também esta oportunidade para otimizar as nossas operações, resultando num desempenho amplamente em linha com as expectativas."

"Continuaremos a colaborar com os nossos clientes e parceiros para promover o progresso social, o crescimento económico e o desenvolvimento sustentável."

Todas as demonstrações financeiras incluídas no Relatório Anual de 2020 foram auditadas externamente pela KPMG, uma das quatro grandes firmas de contabilidade a nível mundial. Para consultar o Relatório Anual de 2020, visite <https://www.huawei.com/en/annual-report/2020>

3,8

Por cento, crescimento das receitas da Huawei em 2020.

LEVANDO O DIGITAL A TODAS AS PESSOAS

Fundada em 1987, a Huawei é um dos maiores fornecedores mundiais de infra-estrutura e dispositivos inteligentes de tecnologia da informação e comunicação (ICT). Temos aproximadamente 197.000 funcionários e operamos em mais de 170 países e regiões, atendendo a mais de três bilhões de pessoas em todo o mundo. A nossa visão e missão é levar o digital a todas as pessoas, lares e organizações para um mundo totalmente conectado e inteligente.

“Não conheço projectos sérios com uma intenção longínqua, eu penso sempre o que será de Angola daqui a 60 ou 80 anos.”



Yuri da Cunha
"canta Teta Lando"



YURI DA CUNHA

“Não existe respeito pela obra do artista angolano”

ENTREVISTA. O músico Yuri da Cunha lamenta a falta de respeito pelos direitos autorais e a distância do Estado no incentivo à cultura. Explica, igualmente, a dura realidade vivida pelos artistas em tempo de pandemia.

Por Guilherme Francisco

Como avalia a situação dos artistas angolanos em tempo de pandemia?

Eu prefiro falar das dificuldades por que passei e ainda passo por conta da pandemia. Está a ser muito difícil, penso eu, para qualquer artista, tanto emocional como financeiramente. Os palcos são o outro lado da vida de um artista. A falta de palco mexe com toda estrutura psicológica de qualquer artista, como eu.

E os lives?

Não é possível viver dos lives em Angola, mas dá para ‘se virar’.

Não há incentivo à cultura...

Não existe incentivo à cultura

nacional, o Estado angolano, até onde eu sei, não contempla a arte. Não conheço projectos sérios com uma intenção longínqua, eu penso sempre o que será de Angola daqui a 60 ou 80 anos. Ainda continuamos na luta de Teta Lando para encontrar um caminho que realmente passe da intenção de fazer, dê alguma esperança a quem aprendeu a sonhar.

De que forma tem tirado proveito desta fase?

De várias formas, mas a principal é estar comigo. Tenho tentado conhecer um pouco mais sobre mim. Um exercício contínuo, que faz observar melhor o mundo a nossa volta. Não sou nenhum sábio, mas sei o que aprendi com a vida, as minhas experiências de facto forjaram o homem que sou, daí ter a certeza que serei com prazer um eterno aprendiz.

Não se revê nas actuais instituições que zelam pelos direitos dos artistas?

Eu apoiei a campanha do kota Teta Lando na Unac porque o projecto era sério e de continuidade. Defendia o artista e a criação intelectual. Depois ouvi falar de empresas ligadas à cultura que defendiam os direitos do artista, mas o que pude notar é que a preocupação maior não era o artista, daí que me desliguei completamente após a morte do kota Teta Lando.

Como avalia o respeito pelos direitos autorais?

Não existe respeito nenhum. As pessoas e as instituições usam as nossas músicas como se de nada se tratasse. Não existe respeito pela obra do artista angolano neste sentido.

Não há valorização dos artistas...?

Também não existe esta cha-

Perfil

A voz da continuidade do semba

Álvaro Yuri Alberto da Cunha, de nome artístico Yuri da Cunha, de 40 anos de idade, natural de Kwanza Sul, começou a carreira na década de 80 no género infantil. É vencedor de vários prémios em Angola, conta com uma nomeação de “Melhor Cantor Africano” no Prémio Mobbo. Conhecido como “O Interpretre”, realiza este ano vários concertos para recordar Teta Lando, uma das suas fontes de inspiração.

mada valorização. O que existe são poucas pessoas da sociedade angolana que têm um carinho pela música e a certos artistas, então dão o seu apoio. Mas nós precisamos de reunir, nem que seja no meu funje de domingo para encontrar soluções.

O que o leva a homenagear Teta Lando?

Teta Lando é um artista que sempre apelou para o amor, a concórdia e a unidade nacional. Filho e defensor da cultura angolana, deu-me a mão como angolano quando muitos não deram. Teta Lando é dos maiores artistas da nossa história. Nós, os angolanos, conhecemos tanta gente desinteressante, deixando para trás aqueles que, de verdade, amam e lutam por Angola.

Que Yuri veremos agora?

Agora voltarão a ver o verdadeiro Yuri da Cunha.

NÚMEROS DA SEMANA

100

Activos que o Estado pretende privatizar até finais deste ano.

120

Milhões estimativa de investimento do Executivo, para os próximos quatro anos, no aumento da produção industrial.

52

Mil milhões de kz, montante arrecadado pelo Governo com a adjudicação de oito empreendimentos agro-pecuários e três activos no âmbito do Propriv.

3

Fábricas que foram encerradas pela Autoridade Nacional de Inspeção à Actividade Económica (Aniesa), em Viana.



NO BPC

Sindicato exige suspensão dos despedimentos

A Comissão Sindical do Banco de Poupança e Crédito (BPC) exigiu, na segunda-feira, 5 de Abril, a suspensão dos despedimentos colectivos até à produção de um acordo com vantagens mais equilibradas entre as partes.

No âmbito do plano de recapitalização e reestruturação do maior banco público angolano, o conselho de administração despediu 274 trabalhadores e encerrou, em todo o país, mais de 70 agências bancárias.

À imprensa, o primeiro secretário da comissão sindical denunciou o chamado “processo viciado e sem transparência”, por não se adequar aos que são usados a nível nacional e internacional.

Carlos Quarenta entende que um despedimento como este, que colocará mais de 2.000 trabalhadores na rua, não deve ser feito do dia para a noite.

A segunda secretária da Comissão Sindical do BPC, Sofia Nicolau, lamentou, por sua vez, o facto de os despedimentos colectivos estarem a acontecer num cenário como se se tratasse de

falência da empresa, quando, na verdade, só há encerramento de algumas agências, mas os postos de trabalho ainda existem.

O BPC começou a reduzir o pessoal em 2020 e, até ao momento, demitiu pelo menos 1.160 trabalhadores. Perdão de créditos feitos no banco até 25 milhões kwanzas e possibilidade de novo empréstimo de até 10 milhões de kwanzas para o auto-emprego e de formação em gestão de negócios estão entre as contrapartidas oferecidas pelo conselho de administração do banco.

PREVISÃO DE LIVRAR O PAÍS DAS MINAS ESTÁ COMPROMETIDA

Comissão de desminagem não é paga há três anos

A Comissão Executiva de Desminagem, chefiada pelo brigadeiro António da Silva Jorge, não recebe dinheiro desde 2019 para continuar o programa de desminagem do país. Segundo o responsável, o Ministério das Finanças assumia todos os custos, sendo

que a última planificação previa o recebimento de 6 mil milhões de kwanzas.

“Até hoje, nunca mais recebemos nada, quando temos muito por desminar. Há três anos que os nossos sapadores não recebem os subsídios de risco nem de vida”, lamenta. A falta de verbas compromete o programa de desminagem do país, previsto para até 2025. Os novos prazos apontam

agora, eventualmente, para 2030.

António da Silva Jorge espera, no entanto, uma pronta intervenção do Executivo, ao mesmo tempo que denuncia a invasão de campos minados por mulheres e crianças à procura de engenhos explosivos para, alegadamente, extraírem mercúrio para a venda. A prática “preocupante” é registada no Kwanza-Sul, Benguela e no Namibe.

DE PORTUGAL

Importações de produtos do mar voltam a recuar

As compras angolanas de peixe e outros produtos do mar a Portugal registaram um decréscimo de 29,3%, em 2020, para os 9.038 mil euros, face aos 12.838 mil do exercício anterior.

O bacalhau representou cerca de 34,6% das importações, correspondendo a 3.130 mil. Em comparação a 2019, registou-se uma redução de 32,9%, face aos 4.557 mil euros.

Os dados constam do relatório sobre ‘Comércio internacional da pesca, preparações e outros produtos do mar’ do gabinete de estratégia e estudo, do ministério português da Economia, que coloca o mercado angolano na quinta posição entre os mercados de destino com os maiores decréscimos em euros depois de Espanha (-129,4 milhões), Itália (-22,2 milhões), Brasil (-19,9 milhões) e China (-6,6 milhões).

Com a redução, Angola volta a perder espaço entre os principais mercados de destino dos produtos de Portugal, representando agora 1% da quota, face a 1,2% em 2019. Em 2018, o mercado angolano representava 2,3% das exportações portuguesas.

